

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**A EURITMIA NA PEDAGOGIA WALDORF: espacialidade e movimento na educação
infantil**

ALINE THIESEN BECSI

**FLORIANÓPOLIS
2016**

ALINE THIESEN BECSI

A EURITMIA NA PEDAGOGIA WALDORF: espacialidade e movimento na educação infantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Orlando Ednei Ferretti

**FLORIANÓPOLIS
2016**

A EURITMIA NA PEDAGOGIA WALDORF: ESPACIALIDADE E MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para o Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Florianópolis, 13 de dezembro de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Orlando Ednei Ferretti (MEN/CED/UFSC)
Orientador

Prof. Ingobert Vargas de Souza (MEN/CED/UFSC)
Membro

Luzia Renata da Silva (Doutoranda Artes Visuais UDESC)
Membro

Kalina Salaib Springer (MEN/CED/UFSC)
Suplente

Este trabalho é dedicado, especialmente, aos meus pais e meus irmãos, que sempre me deram muito Amor, contribuindo para a minha formação como Ser Humano. Dedico, também, a todos os Seres que estiveram comigo durante esta caminhada acadêmica e da vida.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão se volta especialmente a todas as crianças que encontrei, e, também, a todos educadores que estiveram comigo, levando-me a sempre refletir e buscar novas respostas.

Gratidão aos meus pais, Marilise e Francisco, aos meus irmãos, Priscilla, Alexandre e Maitri, que sempre estiveram do meu lado em todos os momentos da minha vida.

A minha gratidão também vai para meu querido companheiro Gustavo, por todo amor, dedicação e compreensão.

Gratidão aos meus amigos de colégio e de graduação, pela união, carinho, companheirismo e amizade que se fortalece a cada dia que passa.

Gratidão ao Jardim dos Limões e a todo corpo docente, minhas companheiras de trabalho, na qual ganho um aprendizado novo todos os dias.

A minha gratidão ao meu professor orientador Orlando, pelo interesse e acolhimento deste trabalho.

Gratidão a todo Universo que, de alguma forma, contribuiu para a concretização deste trabalho.

*"Colocamos adiante o medo para não deixar passar o
nosso futuro."*

Rudolf Steiner

BECSI, Aline Thiesen. **A eurytmia na pedagogia waldorf**: espacialidade e movimento na educação infantil. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso), Curso de Pedagogia, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal compreender como acontece a Eurytmia nos jardins de infância Waldorf, levando-se em conta o trabalho corporal, a espacialidade e o movimento na educação infantil, a partir dos estudos de Rudolf Steiner. Como objetivos específicos a pesquisa apresentou conceitos sobre a Pedagogia Waldorf e a Eurytmia na educação infantil, bem como, descreveu e ilustrou por meio de fotografias como acontece a Eurytmia nos jardins de infância, a fim de compreender como a espacialidade da criança pode ser trabalhada, verificando a importância do movimento na educação infantil. O processo para desenvolvimento e elaboração deste trabalho consistiu de pesquisa de caráter qualitativo, com aspectos documental e bibliográfico. Primeiramente, a pesquisa traz aspectos da Pedagogia Waldorf, bem como, sobre a Antroposofia e Rudolf Steiner. Conta, também, com a realização de entrevistas com profissionais da área de Eurytmia, a fim de verificar as opiniões sobre o tema em questão. Como conclusão deste estudo foi possível constatar, pelas entrevistas realizadas com professores de Eurytmia, a coerência entre seus conhecimentos teóricos e as práticas com as crianças pequenas na educação infantil, facilitando o entendimento do que há por trás dos 'simples' movimentos realizados com a contação de uma história.

Palavras-chave: Espacialidade; Eurytmia; Pedagogia Waldorf; Educação Infantil; Movimento.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1: Professora em prática de Eurytmia. Verificando a temperatura das mãos das crianças | 37 |
| Figura 2: Professora em prática de Eurytmia. "Acordando" os pés | 37 |
| Figura 3: Professora em prática de Eurytmia. "Acordando" as mãos | 38 |
| Figura 4: Professora em prática de Eurytmia. Fazendo movimento do abraço | 38 |
| Figura 5: Professora em prática de Eurytmia. Ajudando o "Maneco Caneco" a roçar | 39 |
| Figura 6: Professora em prática de Eurytmia. Colocando as luvas nas mãos | 39 |
| Figura 7: Professora em prática de Eurytmia. Ficando bem atento | 39 |
| Figura 8: Professora em prática de Eurytmia. Fazendo a chuva | 40 |
| Figura 9: Professora em prática de Eurytmia. Junto ao talo da espiga | 40 |
| Figura 10: Professora em prática de Eurytmia. "Plic ploc", a pipoca estourando | 40 |
| Figura 11: Professora em prática de Eurytmia. As crianças deitam para descansar | 41 |
| Figura 12: Professora em prática de Eurytmia. Se despedindo das crianças | 41 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 2. JUSTIFICATIVA | 12 |
| 3. ASPECTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS | 13 |
| 4. A PEDAGOGIA WALDORF | 14 |
| 4.1 Quem foi Rudolf Steiner ?..... | 15 |
| 4.1.1 A ciência Antroposófica | 16 |
| 4.2 Trimembração do organismo social | 17 |
| 4.3 A origem da Escola Waldorf | 18 |
| 4.4 A fundação da primeira Escola Waldorf Brasileira | 19 |
| 4.5 O desenvolvimento do ser humano | 19 |
| 4.5.1 O primeiro setênio | 20 |
| 4.5.2 O segundo setênio | 23 |
| 4.5.3 O Terceiro setênio | 24 |
| 4.6 O professor Waldorf | 25 |
| 5. O JARDIM DE INFÂNCIA | 28 |
| 5.1 O ritmo do dia-a-dia | 29 |
| 6. A EURITMIA | 32 |
| 6.1 Euritmia no Jardim de Infância | 34 |
| 6.1.1 A vivência de uma aula | 34 |
| 6.2 A Euritmia e a espacialidade da criança | 41 |
| 6.3 Entrevistas com professores de Euritmia | 44 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 53 |
| Referências | 55 |
| Bibliografias | 56 |

1. INTRODUÇÃO

A escolha do tema deste trabalho enfrentou hesitações, em especial, em razão da Pedagogia Waldorf não ser amplamente abordada no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina sobre a Pedagogia Waldorf, porém, despertou ainda mais meu interesse pelo assunto. Portanto, o presente trabalho constitui um aprofundamento no estudo sobre a Pedagogia Waldorf, idealizada por Rudolf Steiner, e mais precisamente sobre a Eurytmia na educação infantil, levando em conta o trabalho corporal, a espacialidade e o movimento.

Em conversas sobre o tema desta pesquisa, com o professor e orientador Orlando, algumas questões surgiram, dentre elas: como acontece a Eurytmia nos jardins de infância, segundo a Pedagogia Waldorf? Qual a importância desse trabalho corporal para as crianças? Qual a ligação que essa arte de movimentos tem com a espacialidade e a criança?

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como acontece a Eurytmia nos jardins de infância Waldorf, levando em conta o trabalho corporal, a espacialidade e o movimento na educação infantil, a partir dos estudos de Rudolf Steiner. E, como objetivos específicos: conhecer, através de revisão bibliográfica, a Pedagogia Waldorf e a Eurytmia nos jardins de infância; compreender como a espacialidade da criança pode ser trabalhada através da Eurytmia; verificar a importância do movimento na educação infantil.

Ao desenvolver este trabalho, percebe-se a grande importância da metodologia Waldorf para estudantes de graduação, tendo em vista sua abordagem atenta à educação. A Pedagogia Waldorf, tem como tarefa acordar esse eu interior, auxiliando no desenvolvimento do homem, educando-o para a liberdade. O homem, quando livre, é capaz de avaliar suas atitudes e agir conforme seus julgamentos.

O processo para desenvolvimento e elaboração deste trabalho consistiu de pesquisa de caráter qualitativo, com aspectos documental e bibliográfico. Primeiramente, a pesquisa traz aspectos da Pedagogia Waldorf, bem como, sobre a Antroposofia e Rudolf Steiner. Conta, também com a realização de entrevistas com profissionais da área de Eurytmia, a fim de verificar as opiniões sobre o tema em questão.

A metodologia Waldorf chama a educação infantil como Jardim de Infância, e as respostas das entrevistas destacaram isso, mas para esse trabalho tratou-se de apresentar como educação infantil.

O trabalho está dividido em sete capítulos, sendo dispostos da seguinte maneira: nos três primeiros capítulos tem-se a introdução, a justificativa e os aspectos teórico-metodológicos, com informações acerca da Pedagogia Waldorf, justificando assim a realização deste estudo. No capítulo quatro, foi apresentado o referencial bibliográfico com apresentação e discussão sobre a Pedagogia Waldorf, a vida de Rudolf Steiner, e sobre a Antroposofia. Ainda neste capítulo foram apresentadas informações a respeito da trimembração do organismo social, sobre a origem da Escola Waldorf, sobre a fundação da primeira Escola Waldorf Brasileira. Também no quarto capítulo, foi abordado o desenvolvimento do ser humano, a respeito do primeiro, do segundo e do terceiro setênios e sobre o professor Waldorf. O quinto capítulo traz elementos sobre o jardim de infância e o ritmo do dia-a-dia. No capítulo seis foi apresentada a Eurytmia; sua aplicação no jardim de infância; a vivência de uma aula; a espacialidade da criança; e, por fim, uma análise de entrevistas feitas com professores de Eurytmia. No sétimo e último capítulo foram apresentadas as considerações finais.

Para a elaboração deste trabalho, foi de fundamental importância a pesquisa realizada por Luara Marinis (2015) acerca da metodologia Waldorf, visto que existem poucas pesquisas e referências bibliográficas sobre este assunto.

Espero que a leitura desse trabalho possa contribuir para o curso de pedagogia da UFSC, despertando e aumentando o interesse dos acadêmicos e de seu corpo docente na metodologia concebida por Rudolf Steiner.

2. JUSTIFICATIVA

Durante a minha graduação, pelos poucos, mas significantes contatos que tive com a Pedagogia Waldorf, despertou-me a curiosidade e foi aumentando gradualmente o interesse em mim no aprofundamento do tema. Os motivos que me chamavam a atenção eram vários, dentre eles, o contato com a natureza me parecia crucial para a formação do ser humano. Alguns dos professores apenas citavam essa metodologia, mas nunca aprofundavam muito sobre o assunto. Até que eu pude me aproximar mais quando meu pai colocou minha irmã de três anos em um Jardim Waldorf, e, em longas conversas com ele, eu conseguia imaginar os efeitos práticos da Pedagogia Waldorf, e assim, decidi o tema deste trabalho de conclusão de curso.

No início deste ano, recebi uma proposta de emprego para auxiliar de sala em um Jardim que tem por metodologia a Pedagogia Waldorf. Na seleção, quando fui entrevistada e houve a apresentação do espaço, encantei-me e aceitei. No início, a minha prática no Jardim não fazia muito sentido. Eu não sabia o porque das orientações sobre minhas ações como educadora, não possuindo nem o mínimo conhecimento teórico. Tudo era muito diferente dos meus empregos anteriores. Porém, aos poucos, com algumas leituras, conversas e formações, muitas dúvidas foram sanadas, proporcionando melhor compreensão do tema.

Trabalhei em outras Instituições de educação infantil, com metodologias diferentes, e, percebo que todas as minhas experiências só me fizeram crescer e auxiliaram na minha formação enquanto professora. Tive a oportunidade de poder escolher qual proporcionou maior identificação, e hoje sigo me aprofundando mais na Pedagogia Waldorf, participando de formações, reuniões pedagógicas, estudos de livros, etc., inclusive, pretendo fazer a formação de professor Waldorf para dar continuidade na minha caminhada.

Esta pesquisa ganhou mais força quando iniciei meu trabalho no Jardim dos Limões. Quanto mais dúvidas iam surgindo, mais vontade de me aprofundar eu tinha. E a aula de Eurytmia sempre era uma incógnita para mim. Não conversava muito com a professora. Ela chegava, dava uma aula cheia de movimentos para as crianças, ia embora e voltava na semana seguinte. Não conseguia entender o que era proposto ali, o que tinha por trás daqueles movimentos. Foi então que surgiu a minha problemática principal: como acontece a Eurytmia nos jardins de infância, segundo a Pedagogia Waldorf?

3. ASPECTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS

A metodologia desta pesquisa é de caráter qualitativo, com aspecto documental e bibliográfico. Segundo Godoy (1995), a abordagem qualitativa não é uma proposta fechada, rígida, e sim uma proposta aberta, deixando que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a proporem trabalhos que procurem novas abordagens. A autora complementa dizendo que, assim, a pesquisa documental é representada por um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de quaisquer temas.

Segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), o objeto de investigação da pesquisa documental e da pesquisa bibliográfica é o documento, e ambas são muito parecidas. A diferença está presente na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de autores distintos sobre o mesmo assunto, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não foram analisados.

Para este trabalho foram analisados diferentes tipos de documentos e bibliografias, como por exemplo: livros, teses, artigos, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, etc. Tratando-se de um tema inovador, a variedade de documentos foi essencial para a realização desta pesquisa, pois são poucos os materiais relacionados a este assunto.

Para a realização desta pesquisa, também foram realizadas entrevistas, com a intenção de aprofundar mais o assunto em questão. Conforme Gaskell (2002), a intenção da pesquisa qualitativa é buscar opiniões distintas sobre o tema em questão, e não apenas contar opiniões ou pessoas. E, também, foi realizada uma observação participante, que é "a forma mais completa de informação sociológica". (BECKER & GEER, 1957 *apud* GASKELL, 2002, p.72).

4. A PEDAGOGIA WALDORF

Para falar sobre a Pedagogia Waldorf, foram encontradas diversas fontes, porém, para esta pesquisa, foram utilizados escritos de Marasca (2009), Stezer (1998), Lanz (1986) e Marinis (2015).

A autora Marasca (2009) aborda que a Pedagogia Waldorf é pautada pela visão integral do ser humano, na qual o conhecimento e o aperfeiçoamento são baseados na Antroposofia, criada por Rudolf Steiner. Esta pedagogia é o resultado de um trabalho de conhecimento e de vivências de Steiner e seus colaboradores, que será aprofundado a seguir.

Conforme Setzer (1998), a Pedagogia Waldorf foi introduzida em Stuttgart, na Alemanha, em 1919. É abordado diretamente nesta Pedagogia, o desabrochar progressivo de três constituintes, na qual o homem é percebido fisicamente, animicamente e espiritualmente. Assim, é cultivado o querer através da atividade corpórea dos alunos em quase todas as aulas; o sentir é incentivado por meio de abordagem artística constante em todas as disciplinas; o pensar vai sendo cultivado desde a imaginação dos contos, lendas e mitos na educação infantil, até o pensar abstrato rigorosamente científico no ensino médio.

De acordo com Lanz (1986, p. 65): "A pedagogia Waldorf não pretende ser, à primeira vista, original ou revolucionária". Muitas das qualidades dessa Pedagogia apenas irão ser notadas quando a mesma for comparada com o ensino escolar encontrado na atualidade.

Marasca (2009) complementa falando que esta metodologia foca no estímulo da vontade nos ideais sociais, nos relacionamentos, etc., e não só no desenvolvimento da inteligência e na qualidade dos conhecimentos em tempo adequado. Para que os alunos tenham um bom relacionamento no ambiente em que vivem e com as pessoas ali presentes, esta pedagogia visa acordar todas as suas potencialidades, integrando o homem ao seu meio de maneira viva e orgânica, formando indivíduos práticos, ativos e conscientes.

Rudolf Steiner em sua trajetória teve a oportunidade de observar, analisar, compreender a realidade, e arquitetar maneiras de colaborar de modo positivo com a realidade social. E essa possibilidade de entender a realidade para poder mudá-la, é uma das capacidades mais necessárias para agir no mundo real, refletindo no educador e no educando. (MARINIS, 2015).

4.1 Quem foi Rudolf Steiner?

O trabalho de Marinis (2015) e o site da Sociedade Antroposófica no Brasil foram utilizados para saber mais sobre a vida de Rudolf Steiner.

Rudolf Steiner foi um pensador austríaco, nascido em Kraljevec, em 27 de fevereiro de 1861, e faleceu em 1925.

De acordo com Garcia (2014, *apud* MARINIS, 2015), o pai de Steiner trabalhava em uma estação ferroviária, onde ele teve a possibilidade de acompanhar de perto a modernidade e tecnologia da época. Este foi um dos motivos pelo qual sua família se mudava (de moradia) com frequência. Depois de um desentendimento com o professor de Steiner, seu pai passou a cuidar de sua educação durante a infância. Estudava com muita vontade o funcionamento das coisas, pois desde criança, Steiner já tinha um espírito pesquisador.

Aos oito anos ele foi para a escola, no momento em que sua família tinha se mudado para Neudörf. E foi com nove anos que teve o primeiro contato com a geometria. Steiner passou por uma revolução interior, na qual aquela existência pura espiritual da geometria deixou-o encantado. A geometria era uma forma de justificativa para o que Steiner mesmo experimentava. Uma vez que, desde seus oito anos de idade, vivia com seu dom da clarividência, na qual o seu mundo espiritual era tão real quanto o seu mundo sensorial, percebendo a presença das coisas que "não se enxergam". E isso pesava como uma certeza interior, gerando a necessidade de provar para si mesmo que essas experiências não eram ilusões. A geometria então presenteou disfarçadamente essa "prova". (ARANTES, 1999)

Desde muito novo, Steiner foi atrás da auto-educação, da consciência de seus pensamentos e da direção da sua vida. Segundo Garcia (2014, *apud* MARINIS, 2015), ele foi estudar no colégio científico com quatorze anos e estudou sozinho, por conta própria, Kant e sua obra "A crítica da razão pura".

Steiner tinha uma profunda busca espiritual e intelectual, Garcia (2014, *apud* MARINIS, 2015, p. 17) explicou esse foco e esforço mental:

Em primeiro lugar, eu queria educar, em mim mesmo, a atividade pensante a um tal ponto que todo pensamento fosse inteiramente visível, sem que nenhum sentimento indefinido pudesse levá-lo a qualquer direção. Em segundo lugar, queria estabelecer em mim uma sintonia entre esse estilo de pensar e a doutrina religiosa.

O pensamento era algo essencial para Steiner, na qual ele poderia passar os alcances dos estímulos recebidos pelos sentidos físicos. Porém, seu pensamento era diferente do princípio kantiano, o que gerou “a necessidade de elaborar uma teoria que lhe fosse alternativa” (GARCIA, 2014, apud MARINIS, 2015, p. 17). Após o término dos seus estudos no colégio científico, Steiner, mais uma vez, por conta própria, foi estudar as investigações filosóficas. E, junto a isso, estudou em Viena na Escola Politécnica.

Conforme Marinis (2015), foi estudando os trabalhos científicos de Goethe, que Steiner obteve respostas para suas dúvidas sobre a matéria e a vida, na qual percebeu adequado captar vida na matéria. Procurava compreender a essência da realidade, chegando ao conhecimento real do ser, e, isto, na verdade, era o lado espiritual presente em todas as coisas na nossa vida. A respeito disto Lanz (1988, p.16) fala: “[...] há nos seres orgânicos algo além da pura substancialidade, e que subtrai a matéria das leis inerentes à sua própria natureza”. Analisando esse 'algo além', seria necessário entender bem o processo de desenvolvimento, e, dentro da alma, o processo que a natureza estrutura a planta de modo legítimo.

Rudolf Steiner julgava essencial ter uma conexão da espiritualidade com a ciência. Fundador da Antroposofia, na qual a Pedagogia Waldorf se baseia, ele mostrou um novo modo de olhar o homem e o mundo.

4.1.1 A ciência Antroposófica

Sobre a Antroposofia, foi feita uma pesquisa e no trabalho de Marinis (2015) e nos livros de Rudolf Lanz (1986 e 1988) foram encontradas importantes contribuições.

A Antroposofia é uma ciência que procede da observação, descrição e interpretação dos fatos, ultrapassando os limites com os quais até agora a ciência comum esbarrou. Diante disto, Lanz (1988, p.14) diz que a "Antroposofia significa a sabedoria do homem".

Foi a partir desta ciência que Steiner pôde notar a realidade do homem, considerando vida e matéria. Garcia (2014, apud Marinis, 2015, p.18) ressalta que "ANTHROPOS significa homem e SOPHIA sabedoria ou o conhecimento da ideia divina, que só pode ser observada com a alma".

Sendo assim, o homem tem consciência do que o influencia e pode agir com autonomia sendo moral ou imoralmente. A noção de liberdade humana começa a ser entendida não só pelos desejos pessoais, mas como uma possibilidade de decidir diante de

uma verdade maior. A Antroposofia está vinculada à autoeducação, ao autodesenvolvimento, proporcionando ao homem a liberdade do pensar livre. (MARINIS, 2015).

A Antroposofia, ao contrário da ciência moderna, que busca enquadrar o homem, enfoca o ser humano sob um amplo ângulo, mesmo que o raciocínio e os seus métodos não tenham o mesmo rigor científico. (LANZ, 1986).

Como a Antroposofia é um olhar do homem e do mundo por meio de métodos científicos, a Pedagogia Waldorf é resultado da Antroposofia, essencialmente no quesito desenvolvimento infantil. (LANZ, 1988).

Em seguida será abordado sobre a trimembração social, na qual Rudolf Steiner recomenda as Escolas Waldorf a praticarem princípios de equilíbrio.

4.2 Trimembração do organismo social

A Proposta Educacional Waldorf para a Educação Infantil (1999) foi a fonte encontrada e utilizada para saber mais sobre a trimembração social.

A estrutura organizacional das Escolas Waldorf procura colocar em prática os princípios da trimembração social recomendados por Rudolf Steiner: o princípio da LIBERDADE, no âmbito da atividade cultural, o de IGUALDADE, no domínio do jurídico-administrativo, e o de FRATERNIDADE, no que diz respeito ao econômico.

A Escola Waldorf é idealizada de acordo com esses princípios, como um micro organismo social, a beira do macro organismo social, no momento em que três esferas se mantêm em equilíbrio: a pedagógica (questão cultural), a jurídico-administrativa (regulamenta a vida institucional), e, a sócio-comunitária (que se ocupa das necessidades que surgem das inter-relações humanas).

Desmembrando cada uma, a esfera pedagógica é compreendida por toda atividade relativa a tarefa pedagógica. O corpo docente é incluído aqui como um colegiado que administra em autogestão tudo o que diz respeito à atividade pedagógica, e tudo o que está relacionado a ela. Este trabalho se apoia na contribuição de cada docente e na responsabilidade e autonomia de cada um que ali faz parte deste corpo.

É preciso criar um clima de respeito mútuo e confiança em a liberdade seja destacada, para o desenrolar dessas capacidades e atitudes individuais, garantindo o compromisso, a responsabilidade, a iniciativa e a participação ativa.

Formada por pais, amigos da escola e por professores, a esfera jurídico-administrativa, representa a associação mantenedora, que trabalham para normatizar direitos e deveres de acordo com as negociações de acordos, normas, convênios, a fim de regulamentar o funcionamento e a convivência social. Esses acordos serão mais eficazes conforme o grau de respeito e a consideração de modo equitativo entre os diversos interesses, prezando pelo princípio da igualdade, mediante a dignidade humana.

A esfera sócio-econômica é composta por docentes, não docentes atuantes da instituição e pais. Normalmente é uma função dada ao conselho de pais ou de outras comissões mistas de pais, professores e membros da comunidade. Possui a tarefa de atender as prioridades da instituição ou de seus integrantes, baseada na detecção, percepção e canalização dos fatos.

Para essa tarefa, onde é preciso perceber as necessidades e capacidades dos outros, são pressupostos o interesse social ativo de todos os seus membros, o olhar atento e o espírito de cooperação baseado na fraternidade.

4.3 A origem da Escola Waldorf

A Proposta Educacional Waldorf para a Educação Infantil (1999) e o trabalho de Marinis (2015) foram de fundamental importância para saber mais sobre a fundação da primeira escola Waldorf.

Logo após a Primeira Guerra Mundial, a Pedagogia Waldorf nasceu diante do caos social e econômico presentes no momento. Rudolf Steiner se dispôs a colaborar com as primeiras tentativas de autogestão, porque assim a solução de problemas seria menos burocrática e utópica, e mais prática. Um colaborador comprometido desse movimento era Emil Molt, o qual também era diretor da fábrica de cigarros Waldorf-Astória. Em meados de 1919, fez palestras sobre temas sociais e educacionais para os empregados. (PROPOSTA EDUCACIONAL WALDORF PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1999).

De acordo com a proposta citada acima, despertou-se entre os empregados o desejo de que seus filhos tivessem uma educação conforme as necessidades do desenvolvimento do ser humano moderno. Molt sugeriu a Steiner a ideia de uma escola nova para as crianças envolvidas, ou seja, para os filhos dos seus empregados.

Steiner idealizou a Pedagogia posteriormente a um intenso estudo, se fundamentando nas necessidades encontradas nas problemáticas ecológicas e sociais. Contribuindo com a

capacidade de tomar decisões, com a evolução do homem em todas as categorias, e na autonomia sobre as questões sociais e na vida, este modelo escolar proporcionaria o desenvolvimento do pensamento. (MARINIS, 2015).

Para Marinis (2015), no momento em que Rudolf Steiner fundou a primeira escola Waldorf, vieram juntas algumas condições para se construir a Pedagogia, entre elas: fazer a formação em doze anos; receber todas as crianças, independente das suas diferenças; como a escola seria sem fins lucrativos, os professores teriam que ter autonomia para além de serem os educadores, serem os dirigentes e administradores; e, aquelas famílias que possuíssem uma renda salarial estabilizada, teriam que contribuir com um valor mensal.

A primeira escola Waldorf, como exemplo de primeira escola comunitária na Alemanha, foi inaugurada em sete de fevereiro de 1919, em Stuttgart.

4.4 A fundação da primeira escola Waldorf Brasileira

A fim de saber sobre a primeira escola Waldorf no Brasil, foi utilizada como fonte a Proposta Educacional Waldorf para a Educação Infantil (1999), o livro de Marasca (2009) e o trabalho de Marinis (2015), respectivamente nos parágrafos a seguir.

Construída em São Paulo, a primeira escola Waldorf no Brasil nasceu do sonho de um grupo de amigos, que tinham como objetivo contribuir com práticas antroposóficas, na qual acreditavam que era possível uma formação que tivesse como principal característica a capacidade do ser humano de ser livre em suas escolhas.

Inaugurada em fevereiro de 1956, a escola funcionava no bairro Higienópolis. Porém, após um curto período, a escola cresceu e se mudou para o bairro Alto da Boa Vista, onde permanece até hoje, com aproximadamente 824 alunos, chamada Escola Waldorf Rudolf Steiner.

O trabalho realizado na perspectiva da Pedagogia Waldorf consiste em propor aos alunos experiências significativas para cada fase da vida, objetivando que o ser humano alcance o nível máximo do seu potencial. Assim, é imprescindível que o professor conheça seus alunos, trabalhando sempre conforme as fases do desenvolvimento do homem.

4.5 O desenvolvimento do ser humano

Sobre o desenvolvimento humano, foi preciso um olhar atento à obra de Lanz (1986) e também ao trabalho de Marinis (2015).

Lanz (1986) afirma que para Rudolf Steiner a vida do homem acontece em ciclos de aproximadamente sete anos, e não de um modo horizontal. A cada sete anos, algum membro (corpo) do ser humano é desenvolvido de um jeito mais articulado. É nesse corpo que a personalidade (o eu) "mora".

De acordo com Rudolf Lanz (1986), ainda que essa divisão em setênios possa ser vista durante a vida inteira, a educação se limita aos primeiros vinte e um anos de vida, ou seja, aos três primeiros setênios. Os períodos envolvem os aspectos mentais, intelectuais e também têm base corporal visível, mediante as transformações físicas da criança.

A cada geração que passa, nota-se que as diversas maneiras de ensinar deixam marcas nas crianças. Mesmo que estudado e aprimorado há bastante tempo o desenvolvimento do homem, a Pedagogia Waldorf se mantém muito interessada neste estudo, como também, nas suas relações. (MARINIS, 2015).

De acordo com a autora acima, existe uma preparação do ambiente, na educação infantil, para ter um convívio com a natureza, possibilitando a criatividade e a fantasia, além de pensar, também, na aprendizagem. Já no ensino fundamental, é por meio da arte de educar que o professor trabalha os temas que os alunos precisam vivenciar. E é no ensino médio que o ensino passa a ter um caráter mais científico. A escola, no geral, respeita cada passo e proporciona o que o aluno necessita, com a intenção de desenvolver as necessidades dele. Com isso, fica claro notar o que deve ser trabalhado em cada idade.

Na visão da Antroposofia, os setênios são caracterizados assim: 1. Etapa do nascimento e a troca dos dentes. 2. Etapa entre a etapa 1 e a puberdade. 3. Etapa entre a etapa 2 e a maioridade. (MARINIS, 2015).

Para este trabalho, o foco maior será no primeiro setênio, onde se encontra a educação infantil, etapa de zero a sete anos de idade.

4.5.1 O primeiro setênio

A fim de saber sobre o primeiro setênio do homem, foram utilizados os escritos de Lanz (1986), Marinis (2015), Carlgren e Klingborg (2006), e também a Proposta Educacional Waldorf para a Educação Infantil (1999).

Lanz (1986) afirma que a criança fica entregue aos seus processos vitais durante os sete primeiros anos de vida, como o sono, a alimentação, crescer, andar, entre outros, é quando o seu corpo físico está sendo formado, e isso acontece inconscientemente. Durante o primeiro setênio, a criança é um ser muito influenciável, absorvendo e imitando tudo que a envolve, visto que a consciência de separação entre o indivíduo e o mundo é mínima.

De acordo com o autor citado anteriormente, a criança se sente como um ser único, mesmo com tudo que a rodeia, já o adulto possui a autoconsciência, tem a possibilidade de refletir e se distanciar do meio ambiente e das situações, deixando nítida essa visão de mundo que é bem diferente da criança e do adulto. A criança percebe e sente tudo o que ocorre em seu entorno com seu corpo.

A criança, quando recém-nascida, possui instintos vitais quando, por exemplo, chora e grita quando precisa de algo, tem sensações de mal e bem estar, e possui reflexos e movimentos involuntários, que servem de base para as fases de desenvolvimento motor. Descubrem suas mãos e pés, brincando com eles, e suas qualidades ainda não aparecem pois estão concentradas no crescer. (MARINIS, 2015).

Marinis (2015) complementa falando que neste primeiro setênio, a criança tem a cabeça na mesma largura do seu tórax, possui o lábio inferior mais fino que o superior, seu corpo é quatro vezes maior que a sua cabeça, e suas pernas não são muito desenvolvidas. Assim, notamos o quão distintas são as medidas de um bebê e de um adulto. Depois do segundo ano de vida, o desenvolvimento acontece mais depressa nas partes inferiores do corpo e, aos poucos, seus pensamentos vão libertando-se na sua mente. Mesmo no adulto, as emoções possuem características de serem menos conscientes do que o processo pensante. E é durante o período de aprendizado do falar, andar e do pensar, que o mundo em sua volta tem participação em grau crescente do surgimento das emoções.

Para Carlgren e Klingborg (2006), o fato de termos capacidade de ficar em pé e andar não parece ser algo natural, de acordo com a configuração longilínea de nosso corpo, com o centro de gravidade deslocado para cima e a pequena área de apoio das solas dos pés. Como a força da gravidade, o andar nos remete a fenômenos físicos. Um ato continuado e complicado de equilíbrio, é esta maneira ereta de estar no mundo, em que a cadeia de vértebras se ergue numa coluna vertebral. Também, recebemos as crianças com um certo espanto quando, por volta de um ano de idade, conscientiza-se pela primeira vez da conquista desta habilidade. Um encantamento acontece dentro da criança e demonstra, com alegria, que

o que acaba de ocorrer é, na verdade, um dos momentos mais marcantes da vida do ser humano, e, todo o organismo passa a se guiar neste instante em termos espaciais.

Os autores citados acima ainda falam que o segredo escondido da vontade passa a se tornar visível. Quando acontece de podermos reconhecer imediatamente uma pessoa por sua postura, seu passo e seus gestos, isso mostra o quanto de sua essência se expressa em seus movimentos.

A próxima fase do desenvolvimento geralmente começa depois de alguns meses. A recém-conquistada visão total do meio ambiente faz nascer uma necessidade que está por trás da essência do homem. Os sons de desejo e bem-estar, a expressão ainda não falada de dor e alegria, assim como o balbuciar infantil exercitado constantemente, tudo isto começa a se juntar neste momento, constituindo unidades cheias de sentido. Dentro do pequeno período de seis meses, a criança volta e meia aprende inúmeras palavras. Quando estão com três ou quatro anos de idade, as crianças já dominam uma série de regras gramaticais um pouco mais complexas, que só futuramente elas entenderão o seu real significado lógico. (CARLGREN E KLINGBORG, 2006).

O falar revela as ligações enraizadas nos sentimentos do ser humano com as coisas e com a essência do mundo ao seu redor. Com a fala, o pensar é despertado. Enquanto o aprendizado do andar ereto e da linguagem falada articulada são acontecimentos que se dão no mundo físico externo e que se sobressaem por uma certa dramaticidade, as primeiras experiências do pensar indicam um primeiro distanciamento com relação às aparências; indicam assim o surgimento de ser capaz de permanecer em silêncio e se aprofundar em si mesmo. O pensar abre as portas para todas as experiências da consciência e da autoconsciência, ele é nosso instrumento mais sofisticado para a orientação e para o estado de vigília no mundo. (CARLGREN & KLINGBORG, 2006).

Podemos observar claramente esses três passos no despertar da consciência da criança de primeiro setênio. Esse momento se destaca como um desenvolvimento inconsciente, que não apela a um raciocínio intelectual para aprender as coisas da vida e é quando se aprende por imitação. (PROPOSTA EDUCACIONAL WALDORF PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1999).

Dos zero aos três anos, a criança mostra um aspecto extremamente volitivo, visível na necessidade de movimentar-se constantemente. Os movimentos ainda são caóticos e desajeitados, não conduzidos por uma consciência racional. O aprendizado do andar e do falar, que acontece inconscientemente, vai se encaminhando ao primeiro momento de uma

auto-percepção, não muito consciente, quando a criança começa a se auto-denominar como "eu". (PROPOSTA EDUCACIONAL WALDORF PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1999).

Dos dois anos e meio até os cinco anos, depois de a criança ter chegado a se auto-denominar com o "eu", ela vai despertando para a percepção do outro, do você. Com essa nova conscientização do mundo, ela irá se inserir na esfera social. Antes a criança adaptou-se à vida no mundo físico, agora ela vai se adaptando ao mundo social, onde vive fortemente sentimentos alternados entre simpatias e antipatias. Ela é guiada pelas emoções e não por um entendimento racional. Explicações e censuras não levam a nada nessa idade. O educador irá recorrer para a imitação, mas agora também pode recorrer à imaginação. (PROPOSTA EDUCACIONAL WALDORF PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1999).

Dos cinco aos sete anos podemos observar o surgimento de um novo comportamento. Até agora a criança aprendeu a lidar com o espaço e seus limites e agora ela aprende a inserir-se no tempo. Ela consegue situar-se no ontem, hoje e amanhã, nos dias da semana, etc. a criança também consegue captar a sequência temporal dos acontecimentos. Suas brincadeiras seguem uma sequência mais próxima da realidade, ela tem uma primeira noção de causa e efeito. A imaginação se cristaliza levemente em representações mentais das experiências vividas no mundo. Têm início os primeiros passos de um raciocínio, e só agora, em torno dos seis anos completos, no sétimo ano de vida, é que podemos apelar a uma compreensão de ideias, de pensamentos sobre o mundo, que são colocados pelos adultos. Só agora é que a criança está pronta para ser alfabetizada sem prejudicar sua futura saúde. (PROPOSTA EDUCACIONAL WALDORF PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1999).

No primeiro setênio, a criança é um organismo sensorial. “O mundo é bom – eis o julgamento que toda criança em idade pré-escolar deveria gritar, alegre e jubilante, cem vezes por dia”. (LANZ, 1986, p. 36).

Conforme Marinis (2015), durante o primeiro setênio o corpo etérico adapta o corpo físico. O movimento e o físico são muito trabalhados nas crianças. O corpo das crianças demonstra que o movimento é a necessidade delas. É por meio de movimentos que as crianças conseguem todas as suas primeiras conquistas, são seu treinos diários.

4.5.2 O segundo setênio

Conforme Santos (2007), durante o primeiro setênio, as forças que foram usadas na formação do corpo físico, agora estão disponíveis aos aspectos simbólicos e ao pensamento,

ou seja, prontos para a vida escolar e iniciar a alfabetização. Neste tempo é que o corpo astral e as suas qualidades (fantasia, emotividade, sentimento, presentes no pensar e na memória) se desenvolvem. Aos nove anos começa um processo de auto-identificação; por volta dos doze anos, na pré-puberdade, o jovem fica desengonçado e os membros se alongam. E, a transformação sexual começa aos quatorze anos.

A autora citada acima ainda diz que enquanto a atividade do corpo etérico tem característica essencialmente modeladora, no corpo astral o principal componente é a musicalidade, que está presente em toda vida sentimental do homem, seus anseios e expectativas, suas alegrias e tristezas, e o que os jovens vivenciam nesse período são elementos principalmente musicais, conforme o ritmo presente neles. Sendo assim, a musicalidade deixa trabalhar a vida sentimental, que neste período é predominante.

De acordo com Marinis (2015), o professor deve fazer um trabalho especialmente voltado para as atividades artísticas que renovam as forças, sendo realizadas em parceria com a atividade intelectual. O trabalho do professor tem que abranger os sentimentos das crianças trabalhando com sua fantasia, alimentando toda a força criativa presente ali. Trazendo o mundo para a sala de aula através de vivências que despertem entusiasmo diante das maravilhas do mundo a ser descoberto. O essencial para este período é a vivência de que o mundo é belo.

Portanto, neste período de sete a quatorze anos, a criança não aprende mais só através da imitação, a ferramenta do professor deste setênio é a autoridade fundamentada numa admiração carinhosa. “Há uma transição que precisa ser feita da criança do primeiro setênio para o segundo setênio, como sendo da imitação para a autoridade, e isso deve ser feito através de um sentimento de autoridade e não por adestramento”. (REDAELLI, 2003, p. 25, *apud* MARINIS, 2015).

4.5.3 O Terceiro setênio

Para a autora Santos (2007), a vida anímica, conforme a maturidade sexual, o pensar, o sentir e o querer, são aparecidos pela primeira vez de modo pleno. Nesta terceiro setênio, o "eu" não está mais vinculado com o corpo astral, refletindo no desenvolvimento mental e moral, decisivos para conquistar a liberdade e a responsabilidade moral. Todos a sua volta são interrogados para saber suas opiniões, pois cresce também um espírito de crítica. Em relação aos pais e professores começa uma fase de crise e de desilusão. O princípio pedagógico desse

período é o "reconhecimento espontâneo" pelo aluno. Nesta fase, a qualidade que o adolescente mais precisa é a honestidade, e, é por suas qualidades morais e intelectuais que o professor tem que ser livremente aceito. A ideia de que "o mundo é verdadeiro" precisa estar presente no ensino.

Santos (2007) ainda afirma que nos quatorze anos começa a aparecer um idealismo, com mais consciência. A partir da personalidade de cada um é que são realizadas as escolhas de ideais. O que no segundo setênio era fantasia se altera no adolescente, em criatividade consciente e perseverança na busca dos seus ideais. A missão do professor nesta fase é de trabalhar para que no final o aluno tenha suas qualidades harmonizadas, e também esteja integrado ao mundo entendendo que este não precisa ser conhecido somente por mecanismos regidos por leis quantitativas. Através de uma participação ativa, e não apenas com leituras de livros, os adolescentes precisam conhecer os aspectos práticos da vida do ser humano, ciências exatas e humanas, tecnologia moderna, e sobretudo a realidade social e os problemas que trazem angústias da sociedade atual.

Quando chega aos vinte e um anos, o Eu, na teoria, está pronto para atuar conscientemente. Nesta idade, é aguardado que o jovem consiga atingir o equilíbrio do pensar, sentir e querer. O objetivo libertador da Pedagogia Waldorf, é que ele tenha capacidade de fazer seus próprios julgamentos e agir com ética, constituindo-se num ser humano livre, com capacidade de decidir-se e sua própria vida orientar. (MARINIS, 2015).

4.6 O professor Waldorf

Para falar sobre o professor Waldorf, foi de fundamental importância a Proposta Educacional Waldorf para a Educação Infantil (1999), com contribuições riquíssimas, assim como o livro de Elaine Marasca (2009) e de Rudolf Lanz (1986).

Conforme Marasca (2009), o professor é um representante da Pedagogia Waldorf e também é um dos polos do importante binômio professor-aluno, que forma a base de todo aprendizado.

Lanz (1986) afirma que cada professor precisaria sempre ter presente a evolução do indivíduo e da Humanidade, já que participa ativamente de ambas. Ele sabe que cada matéria (da qual ele é mensageiro, para os seus alunos) está associada num cosmo total. Sabe também que as ciências têm um lugar importante na visão total do mundo, porém que não a constituem.

O papel do educador infantil é visto como tão importante e até mesmo o mais determinante para toda a vida do indivíduo. A primeira fase da vida é o fundamento, o primeiro degrau sobre o qual se edifica todo o desenvolvimento futuro. Isto requer uma vasta formação do educador infantil em todos os âmbitos. (PROPOSTA EDUCACIONAL WALDORF PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1999).

Como a educação da criança do primeiro setênio apela basicamente para a imitação, o educador, como exemplo, deve ter a capacidade para uma autêntica auto-crítica e força de vontade para a auto-educação. (PROPOSTA EDUCACIONAL WALDORF PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1999).

A Proposta (1999) referenciada acima ainda menciona que a criança tem uma postura aberta e confiante diante os adultos, deixando-se moldar, podendo até assimilar certas características individuais dos adultos. Por isso, tem-se a opinião de que quanto menos os adultos exercem um papel preponderante na vida da criança, tanto melhor para ele desenvolver sua própria individualidade. A Pedagogia Waldorf propõe uma educadora responsável pelas crianças do grupo, que poderá solicitar a ajuda de uma auxiliar quando preciso. A experiência revelou que é possível um educador dar conta de até vinte crianças, em um grupo de jardim de infância. Em berçários e maternais, o número de crianças para cada adulto é bem menor.

Para a Proposta Educacional Waldorf para a Educação Infantil (1999), o trabalho com crianças do primeiro setênio exige muito as forças vitais do educador e é indispensável que ele tenha uma constituição física, anímica e espiritual forte e saudável que, ao mesmo tempo, também lhe dará condições para manter um jeito seguro e tranquilo em presença as crianças.

O educador tem de ter uma boa habilidade de observação, tanto para observar o processo evolutivo das crianças, como também para observar as revelações da natureza. Sua função é exatamente a de ajudar as crianças e se familiarizarem e se adaptarem as condições da vida na Terra, e ajudá-las a conhecerem o mundo no qual irão agir no futuro. Com a incapacidade da criança de compreender racionalmente os fenômenos do mundo, o educador deverá utilizar a linguagem falada nessa faixa etária, a linguagem dos gestos, dos movimentos vivenciados na natureza. A linguagem falada ou cantada é mais um acompanhamento dos sinais que caracterizam a natureza, e proporciona mais a vivência e o aprendizado da própria língua, do vocabulário e a imitação correta dos fonemas. O educador precisa ter uma voz agradável para falar e afinada para cantar. Também é importante ter uma dicção clara e bem formulada para a relação constante com as crianças assim como contar-lhes histórias e contos

de fadas. É preciso ter um bom senso rítmico e conhecer a atuação dos ritmos falados, cantados e musicais a respeito da índole da criança. (PROPOSTA EDUCACIONAL WALDORF PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1999).

Embora as crianças de jardim de infância não realizem muitos trabalhos manuais dirigidos, é importante que o educador seja jeitoso manualmente e corporalmente para todas as tarefas do dia-a-dia em sala de aula, que serão imitadas pelas crianças em seu brincar livre. É importante ter consciência de que em todos os atos e atitudes do educador é refletida sua capacidade de raciocinar. Um raciocínio lógico e prático induz a atitudes coerentes. Tudo isso é assimilado pela criança através da imitação. (PROPOSTA EDUCACIONAL WALDORF PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1999).

De acordo com a proposta citada acima, um bom professor sempre vai estar preocupado com a sua auto-educação. As atividades artísticas como eurytmia, arte da fala, pintura, modelagem entre outras, são indispensáveis para o desenvolvimento da sensibilidade em todos os âmbitos da vida. O real interesse e preocupação do adulto para melhor conhecer e servir a cada criança fará com que desenvolva com o tempo uma aptidão interior de tecer um elo de união invisível, com cada criança do seu grupo. Esse elo ainda pode ser intensificado quando o professor, ao se recolher para o sono, ainda faz rápida retrospectiva do dia e "olha mentalmente", mais uma vez, para cada criança.

Também faz parte da auto-educação do professor um constante estudo de aprofundamento das bases da Pedagogia Waldorf, bem como da Antroposofia. Além do estudo individual, o educador procura participar de grupos de estudo, encontros regionais de jardineiras Waldorf e congressos específicos que abordam a faixa etária em questão, tanto no Brasil como no exterior. (PROPOSTA EDUCACIONAL WALDORF PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1999).

5. O JARDIM DE INFÂNCIA

Lanz (1986) afirma que o jardim de infância é uma solução emergencial. Pois o ideal seria que a criança na idade pré-escolar estivesse com a mãe, no ambiente familiar, brincando com seus irmãos e crianças vizinhas, convivendo com a natureza e onde pudesse realizar as tarefas diárias da casa.

Porém, na vida atual, é difícil encontrar essas condições. Geralmente a mãe passa a maior parte do dia fora de casa, em diversas atividades: o ambiente familiar não existe mais; os pais estão ausentes; no ambiente fechado de um apartamento onde não possui vizinhança nem redondeza, os afazeres diários se sintetizam no manuseio de aparelhos elétricos, à TV, etc. E tudo isso no meio de cidades poluídas, barulhentas, num ambiente artificial e nervoso. (LANZ, 1986).

O autor acima destaca que em meio a essas condições, o jardim de infância é claramente um mal menor, desde que levado a sério a sua tarefa de criar para as crianças o lar que não possui mais em casa. Sendo assim, está definida sua função. Esta é supletiva, no entanto reveste-se de um valor cada vez maior, para garantir o desenvolvimento, tão normal e sadio quanto possível, dos pequenos menores de sete anos.

Com essa preocupação de criar para as crianças o ambiente aconchegante do “lar”, o jardim de infância Waldorf agrupa um número limitado de crianças de idades que variam entre três a seis anos de idade, com a finalidade de reproduzir um ambiente familiar com irmãos de diferentes idades, onde os maiores têm responsabilidades e afazeres mais amplos, até mesmo zelar um pouco pelos menores. O grupo é orientado por um(a) educador(a) conhecedor(a) e estudioso(a) do mundo infantil, que preocupa-se para que o dia seja separado em períodos de várias atividades, onde não devem faltar, entre outros aspectos, muitos pequenos deveres entre os alunos, como: regar as plantas, arrumar a sala, preparar a mesa para o lanche, guardar os brinquedos. Tudo isso, seguramente, sem causar constrangimentos. Devemos frisar que o jardim de infância, é o prolongamento do lar e não uma “ante-sala” do ensino escolar. (PROPOSTA EDUCACIONAL WALDORF PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1999).

Segundo Lanz (1986), o dia é dividido ritmicamente, se possível com momentos de atividade comum, alternando com jogos e ocupações que cada criança brinca por si. Pode ter, por exemplo, uma atividade comum no início, para tornar o grupo harmonioso e consciente de si; depois, as crianças podem brincar fora, livremente, sozinhas ou em pequenos grupos que se

formam espontaneamente. O lanche necessita ser um cerimonial: lavar as mãos, sentar direito, cada criança em seu lugar, comer sem fazer algazarra. Em seguida de guardar a louça, uma atividade em comum: pintar, modelar, recortar, com pequenas pausas para contos, dramatizações, etc. E, por fim, a roda sentada em silêncio, a professora contando, lentamente, com muita expressão, um conto de fada, com canções e versinhos intercalados. Qualquer alteração no decorrer do dia precisa ser apresentado como grande acontecimento: um passeio, uma festa de aniversário de um aluno, sempre transformadas em cerimônia solene e alegre.

Pular corda é uma excelente atividade, frequente nos jardins Waldorf. Ao pular corda a criança se apropria de si mesma; constrói sua imagem corporal; seu esquema corporal; orientação espacial; orientação temporal; ritmo; coordenação motora. Ao mesmo tempo, neste momento pode ser trabalhada a musicalidade, entre tantas outras habilidades. As crianças vivenciam o movimento que é “[...] essencial ao processo de desenvolvimento infantil, bem como a iniciativa, a criatividade, enfim, a capacidade de reorganizar, a flexibilidade para ajustar-se as constantes mudanças” (KISHIMOTO *apud* MANZANO, 2005, p. 12).

De acordo com Lanz (1986), a criança deve adquirir confiança no mundo: cada objeto, pelo seu material, precisa ser o que parece ser. Por isso a exigência de materiais naturais: madeira, pedras, panos, etc.

É na solidez e aconchego do jardim de infância que a Pedagogia Waldorf faz brotar na criança pequena uma importante segurança e confiança no mundo em geral. Ela precisa sentir e vivenciar com o mundo é bom, levando este “presente” no passar de sua vida. (PROPOSTA EDUCACIONAL WALDORF PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1999).

A eurtmia é introduzida na educação infantil, em atividade semanal, de duração máxima de vinte minutos, como pôde-se perceber ao longo da pesquisa, e da experiência da autora desse trabalho.

5.1 O ritmo do dia-a-dia

A Proposta Educacional das Escolas Waldorf (1998) (referenciando os três primeiros parágrafos) e o trabalho de Marinis (2015) onde apresentam também sobre o ritmo do dia-a-dia de jardins de infância, destacam a importância do sentido do ritmo para o homem.

Uma das características da atualidade é o elevado grau de autonomia contraído pelo ser humano frente aos ritmos naturais que outrora regiam e condicionavam sua vida e atividade, e por consequência, a organização de seu tempo. Esta autonomia admitiu-lhe

desenvolver uma intensa e inusitada atividade que enriqueceu notavelmente sua vida, todavia por outro lado, acarretou-lhe em muitos problemas que em grande medida dependem do fato de ter-se desligado dos ritmos naturais fundamentais. No curso dos dez últimos anos tem se redescoberto em campos científicos a importância e o sentido do ritmo para o ser humano. Toda vida implica em ritmos; o conjunto de processos vitais é uma consonância rítmica, tal como o Universo inteiro pulsa em ritmos. O próprio homem é uma conjunção de múltiplos ritmos distintos.

Assim, se faz indispensável religar crianças e jovens à percepção e observação dos processos rítmicos da natureza, intensificando, por exemplo, a vivência das estações do ano nos mais diferentes pontos de vista. Todo processo vivo de aprendizagem precisará fundamentalmente respeitar e fomentar um ritmo adequado. A Pedagogia Waldorf considera essencial a alternância sadia e equilibrada entre concentração e expansão, entre atividade intelectual e prática, entre esforço e descanso, entre recordação e esquecimento. Portanto se planeja com muita atenção e cuidado, a partir desse ponto de vista, tanto a prática educativa anual, mensal, semanal e diária, como também cada uma das horas de aula, a fim de conseguir o ritmo apropriado às fases de compreensão, assimilação e produção da aprendizagem.

Na proposta pedagógica Waldorf, a atividade rítmica com os alunos está a serviço do desenvolvimento da coordenação motora da criança. É a atividade que, com a precisa progressão, se realiza cada manhã ao começar a aula de época, como recurso didático que acorda e predispõe adequadamente os educandos para a aprendizagem. Como todas as demais atividades, esta "parte rítmica" está profundamente vinculada ao tema central da época.

O professor precisa criar um ritmo, semelhante com a nossa respiração que deverá conduzir toda a energia da criança. O ritmo é regular na semana e no dia com movimentos de introspecção e expansão, harmonizando as vontades. “Ao estabelecer um ritmo regular, você se prepara muito melhor para lidar com tudo o que ocorre inesperadamente.” (HECKMAN, 2008, p. 22, *apud* MARINIS, 2015).

Marinis (2015) fala que o ritmo acontece para que as crianças se sintam mais seguras, fiquem mais firmes. O ritmo está em todas as partes do universo, e também presente na fisiologia da criança. Para ajudar no entendimento do tempo, existem atividades que são específicas de cada dia. Sendo assim, durante o dia tem várias atividades, com momentos da respiração.

A autora citada anteriormente conclui que, na educação infantil, é cultivado o respeito pela natureza, percebendo o ritmo nela, durante o dia e na noite e, também, nas estações do

ano. Nas salas existe um cantinho de épocas, onde a passagem pelas estações do ano é vista concretamente.

6. A EURITMIA

No texto “Meus pés podem falar, minhas mãos podem cantar: sobre a euritmia na escola Waldorf” de Helga Daniel (s/d), a euritmia como matéria faz parte do currículo das Escolas Waldorf desde o jardim de infância até o final do segundo grau. É uma arte de movimentos que permanece há quase cem anos. A euritmia não se fundamenta em experiências milenares como a música ou a pintura. Essas artes estão completamente integradas na nossa cultura e por séculos elas têm formado um fenômeno diário. A euritmia ainda está totalmente em desenvolvimento e tem, conseqüentemente, continuado como uma matéria específica das Escolas Waldorf.

O autor acima complementa falando que a euritmia requer que nos tornemos internamente móveis. Quando ouvimos sons, somos compelidos a uma contínua mudança, do alto para o baixo, e de suave para forte. Também somos induzidos no curso de uma melodia por mudanças e por estímulos melódicos. Até mesmo vale para as sutilezas da língua falada. Na euritmia estas modificações, e seus movimentos internos são revelados exteriormente por movimentos do corpo, isto é feito tanto individualmente, quanto em grupo. Assim, praticando Euritmia, o corpo se torna um instrumento, tornando visível, o que, de outro modo, seria somente audível, as citadas música e linguagem.

A Euritmia opera sobre os três polos anímicos do ser humano: pensar, sentir e querer. Administradas pelas imagens trazidas e dançadas pelo professor de Euritmia, a criança, por meio da imitação, transforma sua fantasia em ação (movimento). Essas imagens têm como veículo a fala do professor. (PROPOSTA EDUCACIONAL WALDORF PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1999).

A proposta referenciada anteriormente, afirma que no momento em que ela contempla a formação da fala, vê-se que ela se compõe basicamente de três elementos diretamente relacionados à organização corporal e anímica do homem: dinâmica - originária da musculatura abdominal, principalmente do diafragma - relacionada com o sistema metabólico-motor; sonorização - causada pelas cordas vocais na laringe, capazes de soar segundo os matizes de sentimento da "alma" - relacionada com o sistema rítmico; articulação - determinada na região da boca, principalmente língua, dentes e lábios - relacionada com o sistema neurosensorial.

Ainda de acordo com a proposta, a Euritmia envolve gestos essenciais para cada fonema da língua, sempre constituídos a partir dos três elementos: dinâmica, sonorização e

articulação. Ao falar e, conseqüentemente ao "dançar" a fala recitada, estamos exercitando vastamente os três grandes sistemas (citados anteriormente) da organização corpórea e anímica do ser humano. Cabe ressaltar que os gestos eurítmicos são como "esculturas temporais", reveladoras do vir-a-ser do fonema, portanto, vivas e movimentadas e não cópias ou símbolos abstratos das letras escritas.

Estamos acostumados a formas de expressão que transformam poesia ou discurso em movimentos produzidos pelo conteúdo, como na dança expressionista, na arte dramática, na mímica ou na coreografia de grupos. A eurtímia vem dos sons da língua, isto é, de vogais e consoantes. (CARLGREN; KLINGBORG, 2006).

Os autores citados no parágrafo acima dizem que as palavras simplesmente vocálicas expressam vivências e sentimentos interiores (Ah, Oh, Au, Ei, etc.). Palavras predominantemente de consoantes representam na maioria das vezes acontecimentos do mundo exterior (murmurar, trovejar, rebentar, sussurrar, aplaudir, etc.). Nas palavras onomatopeicas (ai -dor-, atchim -espirro-, bibi -buzina-, etc.) dominam comumente as consoantes, o que também aparecem os exemplos acima citados. De outro modo, reparamos como as vogais atribuem realce à atmosfera da poesia.

Para Carlgren e Klingborg (2006), quando falamos um fonema, constitui-se em nosso interior uma espécie de "gesto volitivo" invisível que, no movimento eurítmico, contrai uma expressão visível. Cada vogal e cada consoante tem seu movimento específico. Também quando cantamos, desenvolvem-se estes gestos invisíveis, que satisfazem aos diversos sons e que também podem ser alterados por movimentos exteriores visíveis.

Por conseguinte, a Eurtímia é "língua visível" e "canto visível" - uma arte que antes não existia e que foi criada por Rudolf Steiner. A recitação ou a música são seus fundamentos. A língua e a música "transportam" os eurtímistas sobre o palco. (CARLGREN; KLINGBORG, 2006).

E que valor tem então a Eurtímia para o ser humano?

"Quando imergimos em fonemas e tons musicais e os transformamos em gestos de Eurtímia, esta é uma atividade que ocupa todas as forças anímicas e todo o corpo humano; não há outro âmbito na Escola que tenha tantas possibilidades de concretizar um dos objetivos fundamentais da Pedagogia Waldorf: 'a cultura espiritual do corpo'. O valor educativo especial que Rudolf Steiner dava à Eurtímia se depreende com especial clareza de um comentário seu no curso de Pedagogia para o Povo, no qual ele salientou que a Eurtímia 'pode criar tamanha vontade, que nos acompanhará por toda a vida, enquanto o outro cultivo da vontade tem a propriedade de arrefecer no decorrer da vida'". (CARLGREN; KLINGBORG, p.63, 2006).

Esta citação pode soar um pouco ousada. Porém, basta vivenciar uma aula de Eurytmia, para perceber o entusiasmo e a força de vontade que os euritmistas investem em seu trabalho.

6.1 Eurytmia no Jardim de Infância

Para saber mais sobre a Eurytmia na educação infantil, foi utilizada a proposta educacional Waldorf para a educação infantil (1999) referenciando os três primeiros parágrafos e o livro de Carlgrén e Klinborg (2006) referenciando o último parágrafo..

No primeiro setênio, a gesticulação nas coreografias eurítmicas precisa ser simples, optando-se por gestos expressivos, próximos ao molde dos personagens dançados, sempre procurando a abrangência do fonema que, dentro da palavra, melhor expressa esse modelo. Esse gesto eurítmico-artístico fortalece a união do Eu com o querer, atuando assim de maneira positiva no processo de encarnação da criança.

A música utilizada em aula é pentatônica¹. Seus constantes intervalos de quinta harmonizam a criança. A música tem a função de acompanhar as imagens criadas. Nesta fase ainda não possui mistura de diferentes ritmos. A criança deve ter tempo para aprofundar-se na imagem, trabalhando assim de forma lúdica e artística sua lateralidade, sua orientação espacial, destreza, coordenação motora, etc.

Deste modo a Eurytmia pretende ser um acompanhante vivo e artístico do homem em desenvolvimento, ajudando-o, fortalecendo-o, estimulando-o, tanto no campo de suas habilidades corpóreas como no campo de suas vivências e sentimentos.

O movimento rítmico é o mais primitivo de todos os meios de expressão que atendem a necessidade da criança de dar forma a suas vivências de fantasia. Quase imperceptivelmente, a brincadeira livre se transforma num movimento organizado.

6.1.1 A vivência de uma aula

Como já mencionado anteriormente, trabalho em um Jardim com a metodologia Waldorf, e uma vez por semana as crianças tem aula de Eurytmia, na qual ela pode vivenciar essas aulas. Com autorização do Jardim e das professoras, uma aula ela pôde gravar e registrar fotograficamente para aqui descrever sua vivência.

¹ A escala pentatônica é um apanhado de cinco notas da escala que possui sete notas, criando assim um outra escala.

A professora de Eurytmia bate na porta, e a professora de classe do jardim a abre, e as crianças estão sentadas no chão em forma de roda. Ela entra na sala, e diz: "*quem ficou em silêncio já viu que eu esqueci de alguma coisa*", e em seguida uma criança diz: "*esqueceu a sapatilha*", a professora dá um sorriso e fala: "*deixa eu ver se estou com boa memória, e quem está com a mão bem quentinha*" (figura 1). Assim, vai passando por cada criança, falando o nome de cada um e vendo se as mãos delas estão quentinhas. Ao final, ela fala: "*deixa eu ver quem tem memória boa, quem tá cuidando bem carinhosamente dos seus pés, deixa eu ver. O meu pé hoje tá passando um pouco de frio, vou ter que cuidar melhor dele tá*", e começa a cantar e a mexer um pé (figura 2): "*acorda, acorda, acorda o meu pezinho, meu pezinho que mexe, mexe, meu pezinho acordou, acordou*", e em seguida faz com o outro pé, e depois, com os dois. Faz também o mesmo procedimento com as mãos, enquanto canta (figura 3): "*acorda, acorda, acorda a minha mãozinha, minha mãozinha que mexe, mexe, minha mãozinha acordou, acordou*". Logo após, começa a contar a história, juntamente com a "coreografia": "*e a nossa cabecinha, cai feito uma gotinha de água cristalina. A nossa cabecinha gosta de brilhar. As nossas pernas, gostam de pular. E os nossos braços, um abraço bem gostoso dar*" (figura 4). "*Era uma vez, Maneco Caneco. Maneco Caneco, um belo rapaz, tão bem capaz, trabalha a terra cheio de paz, vamos ajudar?*" (figura 5) "*Maneco Caneco, a trabalhar? Visto a blusa, mais a calça, e o meu chapéu de palha, calço as minhas botas, a luva.*" (figura 6) "*Temos que colocar em silêncio total. Agora sim, deixa eu ver quem vai tá pronto para me ajudar. Quem daqui tá forte? Quem daqui tá bem feliz? E, quem daqui tá bem atento? Bem atento?*" (figura 7) "*Ah, tem muita gente atenta.*" "*E, roço, roço, "devagarinho", e deixo limpo meu "canteirinho". E, roço, roço, "devagarinho", e deixo limpo meu "canteirinho". (Deixa eu ver aqui quem tá bem atento, acho que tem gente que não tá atenta.) E, roço, roço, "devagarinho", e deixo limpo meu "canteirinho". Agora eu vou fazer, eu vou fazer chover. Eu vou fazer chover.*" (figura 8) "*Regando, regando, regando, regando cada pé de milho aqui plantado. Regando, regando, regando, regando cada pé de milho aqui plantado. E, chega a noite, e chega o dia. E, chega a noite, e chega o dia. (Agora, chegou aquela hora, maravilhosa.) Bem junto ao talo, nasce uma espiga.*" (figura 9) "*Bem junto ao talo, nasce uma espiga. Maneco Caneco é muito esperto. Trabalha o chapéu, recorta e dobra, fazendo bandeiras, balões e lanternas. Prepara tudo para uma grande festa. E no meio do pátio, empilha as madeiras, tábua por tábua, tábua por tábua. Vem chegando a criançada, trazendo paçoca, quindim, e cocada, cocada, cocada. Pinhão e quentão, traz seu João. Pinhão e quentão, traz seu João. Acende a fogueira, acende a fogueira."* E canta: "*sobe a*

chama, sobe a chama, mais alto, mais alto, ilumina e aquece, nossas festas, nossas almas. Sobe a chama, sobe a chama, mais alto, mais alto, ilumina e aquece, nossas festas, nossas almas." Em seguida, continua a história: "*acende a fogueira, pega a panela, despeja o milho, e fecha a panela. E, fecha a panela. E, espera, espera. Plic, Ploc. Plic, Ploc. Plic, Ploc. Plic, Ploc. Plic, Ploc. Plic, Ploc. Plic, Ploc. Plic, Ploc. Plic, Ploc. Plic, Ploc. Plic, Ploc. Plic, Ploc. Plic, Ploc. Plic, Ploc. Plic, Ploc. Plic, Ploc. Plic, Ploc. Plic, Ploc.*(figura 10) *E, tanta foi a pipoca, e foi a folia daquele dia, comeu pipoca com tanta alegria. Depois de tanto brincar e cantar, a criançada ficou tão cansada, os professores também, e vocês precisam fazer silêncio para descansar. (Hoje eu vou agradecer alguns alunos que aqui ficam bem quietinho.)*". Neste momento todos deitam no chão para descansar, e a professora de Eurytmia vai passando por cada criança fazendo um carinho na cabeça e cantando (figura 11): "*você sabe quantas estrelas, brilham lá no céu azul. Você sabe, quantas nuvens, vão voando, de norte a sul. Deus no céu, está contando, e nenhuma está faltando. Ele conhece, também você, te protege e ama você*". E segue falando: "*crianças queridas, podemos acordar. Crianças queridas, podemos nos levantar. Eu amo a minha estrela. (Aponta uma estrela bem brilhante lá no céu, e aponta uma do seu amigo também). Com toda a sua luz.*" E se despede falando: "*até logo bons amigos, que eu já vou em boa hora*". (figura 12) As crianças vão correndo dar um abraço na professora, que sai da sala logo em seguida.

Esta aula de Eurytmia aconteceu no período de inverno, em junho deste ano, e permaneceu a mesma até mudar outro período de agosto, por isso a atenção no início da aula com a temperatura das mãos. Todos os movimentos realizados nesta aula foram muito cuidadosos, e sempre trabalhando a qualidade dos fonemas.

As crianças adoraram a aula e participaram imitando os movimentos da professora de Eurytmia. Fica nítida, com as imagens abaixo, a arte de movimentos de que consiste a aula, na qual professores e crianças se movimentam incansavelmente e com uma sutileza que traz tranquilidade para quem está "assistindo".



Figura 1²: Professora em prática de Eurytmia. Verificando a temperatura das mãos das crianças.
Fonte: Aline Becci, junho de 2016.



Figura 2: Professora em prática de Eurytmia. "Acordando" os pés.
Fonte: Aline Becci, junho de 2016.

2 As imagens das práticas de Eurytmia receberam um filtro para não haver a identificação das crianças. As atividades foram autorizadas a serem fotografadas pela Escola, com essa indicação de filtro sobre as imagens.



Figura 3: Professora em prática de Eurytmia. "Acordando" as mãos.
Fonte: Aline Becsi, junho de 2016.



Figura 4: Professora em prática de Eurytmia. Fazendo movimento do abraço.
Fonte: Aline Becsi, junho de 2016.



Figura 5: Professora em prática de Eurytmia. Ajudando o "Maneco Caneco" a roçar.
Fonte: Aline Becsi, junho de 2016.



Figura 6: Professora em prática de Eurytmia. Colocando as luvas nas mãos.
Fonte: Aline Becsi, junho de 2016.



Figura 7: Professora em prática de Eurytmia. Ficando bem atento.
Fonte: Aline Becsi, junho de 2016.



Figura 8: Professora em prática de Euritmia. Fazendo a chuva.
Fonte: Aline Becci, junho de 2016.



Figura 9: Professora em prática de Euritmia. Junto ao talo da espiga.
Fonte: Aline Becci, junho de 2016.



Figura 10: Professora em prática de Euritmia. "Plic ploc", a pipoca estourando.
Fonte: Aline Becci, junho de 2016.



Figura 11: Professora em prática de Eurythmia. As crianças deitam para descansar.
Fonte: Aline Becsi, junho de 2016.



Figura 12: Professora em prática de Eurythmia. Se despedindo das crianças.
Fonte: Aline Becsi, junho de 2016.

6.2 A Eurythmia e a espacialidade da criança

Conforme Daniel (s/d), a estimulação das forças vitais tem um papel essencial na Eurythmia pedagógica. Os exercícios estão conectados à idade das crianças. Certamente no primeiro setênio, a criança ainda está em crescimento. Os exercícios de Eurythmia auxiliam no desenvolvimento que toma lugar no corpo, como a conscientização de esquerda e direita, a sintonização das batidas do coração com a respiração, isto acontece por volta dos nove anos. A Eurythmia ajuda o organismo físico a instituir um fundamento saudável.

Para Daniel (s/d), contudo, não apenas o desenvolvimento físico é importante, a criança também está desenvolvendo a independência interna e a individuação. Se quisermos que este desenvolvimento continue de modo adequado, essa estimulação do movimento interior é de grande importância. Cada desenvolvimento, por si, requer movimento. No momento em que encontramos coisas com as quais não estamos aptos a lidar, mas queremos empreendê-las, temos de nos tornar ativos. Tornando-nos ativos, usamos as forças vitais disponíveis. Não surpreende que seja complexo aprender ou desenvolver algo novo, quando se está cansado ou doente. As vezes, não se tem força vital à disposição.

Daniel (s/d) ainda fala que como citado anteriormente, a Eurytmia não ajuda apenas a despertar as forças vitais, mas também a formá-las. Além de aprender a se tornar móvel interiormente, também aprendemos a dar direção a estes movimentos por fazê-los com nosso corpo. A capacidade de direcionar é de grande valor quando alguém quer se desenvolver. Fazendo e praticando, tropeçando e levantando, experimenta-se e testa-se a direção indicada. É assim que nos desenvolvemos. Desenvolvimento constitui em fazer. A aula de Eurytmia da assistência à criança a se movimentar mais facilmente com o material oferecido. O conteúdo das diferentes matérias é aprofundado pois a criança o percebe com o corpo inteiro.

No decorrer das aulas de Eurytmia, é dada uma chance às crianças de submergirem nas imagens e nos movimentos da linguagem e da música de corpo inteiro. Elas mesmas criam as imagens a partir de dentro, e dão expressão a elas por meio de gestos e formas espaciais. Cada vez de novo, estes movimentos estão cheios de qualidades intrínsecas da linguagem e da música. Portanto, estas imagens não são repetitivas, fixadas, como as difundidas pelos meios de comunicação visual, mas sim, movimentos tornados vivos a partir de dentro. (DANIEL, s/d).

Lopes (2013), fala que um dos assuntos que ganha um bom destaque é a premissa que, apesar de já nascer imbuída de uma rede de significados que a rodeiam, a relação da criança com seu mundo é, primeiramente, de indiferenciação. Conforme a criança vai se desenvolvendo, acontece uma gradativa separação dela com o mundo. Tal fato começa a ocorrer a partir das experiências sensório motoras; é o desenvolvimento dos sentidos, ligados ao ato motor, que proporcionará cada vez mais uma consciência de si e do mundo que a envolve. Nesse desenvolvimento acontece a formação da noção de espaço-tempo.

De acordo com Lopes (2013), inicialmente, a criança somente consegue perceber o espaço por meio de seu próprio corpo em contato com objetos, utilizando os sentidos. Num primeiro momento, o seu espaço é de vivência: compõe-se dos ambientes onde brinca, passeia

e dos objetos que aí permanecem e que ela aproveita. As relações espaciais se desenvolvem e se tornam mais complexas à medida que ela amplia seu espaço de ação.

A noção espacial, como parte integrante dos sujeitos, é uma noção social, é uma construção simbólica, formada a partir do contexto cultural no qual se está inserido. Assim oferece um caráter ideológico e semiótico, sem o qual não existirá para as pessoas, legitimando desse modo a construção de nossas subjetividades. (LOPES; VASCONCELLOS, 2006).

Ajuriaguerra (1988 *apud* Manzano, 2005) afirma que sem um verdadeiro conhecimento do corpo e sua relação com o meio pode não se alcançar também a linguagem. Percebe-se, no entanto, como o desenvolvimento do esquema corporal é essencial tanto para a aprendizagem como para as relações sociais.

Fazendo um papel importante na vida habitual hoje em dia provem das mudanças nas relações sociais. Somos requisitados, a todo tempo, a explorar e reformar nossas relações sociais. Eúritmia é, uma arte de movimento, que o aspecto social tem um papel enorme. Os movimentos da linguagem e da música são tornados visíveis por grupos de pessoas. Quando um movimento de contração ou de expansão acontece num poema ou numa música, isto pode ser expresso por um grupo de pessoas se aproximando, ou se afastando umas das outras, num círculo. (DANIEL, s/d).

Conforme Daniel (s/d) na escola Waldorf, movimento comum num círculo é um elemento importante na pré-escola e nos primeiros três anos da escola elementar. Crianças maiores serão estimuladas a trazer movimentos variados para uma mesma ocasião, elas não mais realizam todas a mesma coreografia; formas retas e curvas, por exemplo, são tornadas visíveis ao mesmo tempo. Desta maneira, o movimento como um todo adiciona um valor a mais aos movimentos individuais.

Cada indivíduo move a sua parte da coreografia, o que uma pessoa sozinha não conseguiria tornar visível. Isto representa um importante fator social, óbvio e concreto, isto é que o todo é mais do que a soma das partes. Juntos somos capazes de inventar alguma coisa que é mais do que a combinação de todas as isoladas contribuições. Isto se torna mais evidente quando uma peça musical polifônica é representada, vendo as vozes agudas e graves separadamente numa composição de movimentos em coletivo. (DANIEL, s/d).

O autor mencionado fala que antes que uma criança esteja pronta a fazer isto, ela tem de aprender a lidar com as diferenças de todos os que colaboram para compor o movimento em comum. Ela tem de aprender a adaptar seus próprios movimentos aos movimentos dos

outros. Assim, aquele que é sempre o primeiro, vai ter de aprender a cooperar com aquele que tem tendência a ser o mais lento. Deste jeito, as crianças aprendem a misturar suas próprias disposições e contribuições com as oferendas dos outros. No entanto, elas aprendem que a contribuição de cada criança é necessária, se elas querem mostrar algo como grupo. Isto é apenas possível de acontecer com a dedicação de cada indivíduo. Esta é a maneira como as crianças aprendem, de modo lúdico, a tomar iniciativa e a dirigir e monitorar suas condutas. Nesse processo auxilia muito o caso que a consciência do próprio comportamento se torna imediatamente óbvia e não pode ser ignorada.

Para Daniel (s/d), a última observação pode ser também constrangedora, já que, para a criança não é conveniente que tudo se torne visível. Se ela perde a atenção por um momento apenas, há uma grande possibilidade que tudo caminhe na direção contrária. Se ela não dominou um certo exercício, não tem como esconder. Da parte das crianças, é requerida uma enorme quantidade de confiança no professor de Eúritmia que guia o método. Respeito mútuo e uma grande dose de humor são precisos para criar a atmosfera certa para exercitar.

Mello (2004 *apud* Manzano, 2005) ressalva a importância de se trabalhar a intencionalidade do movimento na Educação Infantil, já que esta perpassa pela conscientização do movimento que levam a alienação.

"A psicomotricidade traz consigo toda uma significação de nossa existência, como também a coerência entre o que somos, pensamos, acreditamos ou sentimos, e aquilo que expressamos através de pequenos gestos, atitudes, posturas ou movimentos mais amplos, porque todas as nossas condutas motoras estão situadas na complexidade totalizante que é a realidade humana e trazem subjacente uma intencionalidade motora e não mecânica. Essa intencionalidade é correspondência imediata do corpo às solicitações do mundo ou seja, é a tomada de consciência de cada movimento do corpo frente a uma tarefa." (Cunha, 1989 *apud* Mello s/d p.126 *apud* Manzano, 2005).

Proporciona à criança o alcance do seu desenvolvimento no plano da vivência corporal, alcançando com bem-estar o exercício da motricidade espontânea, precisa ser uma das prioridades da pré-escola. (MELLO, 2004 *apud* MANZANO, 2005).

6.3 Entrevistas com professores de Eúritmia

As entrevistas foram realizadas com profissionais que atuam como professores de Eúritmia em Florianópolis. A primeira entrevista, com o entrevistado A, foi realizada no dia 9/7/2016, no Armazém Grão Mestre. A segunda entrevista, com o entrevistado B, foi realizada

no dia 14/7/2016, na Clínica Therapeuticum Vialis. E a terceira entrevista, com o entrevistado C, foi realizada no dia 15/7/2016, no Jardim dos Limões.

A escolha desses profissionais deveu-se ao conhecimento prévio deles pela autora deste trabalho e pelo professor orientador, facilitando a entrevista e abordagem, e proporcionaram contribuições de grande importância para a realização deste trabalho. Preferiu-se, por outro lado, não revelar suas identidades, utilizando-se apenas as letras A, B e C, para referenciá-los.

Sobre a identificação dos professores, foi perguntado quando tiveram o primeiro contato com a Eurytmia, e, por que seguiram esse caminho. O entrevistado A respondeu que trabalhava na aviação como comissário de bordo, em certa ocasião morou no Canadá, tendo cuidado de um menino, e que o mesmo ocorreu quando morou na Califórnia também. Na volta para o Brasil, terminou sua faculdade de Jornalismo, e queria sair da aviação. Conta que certo dia machucou o braço a bordo, na porta do avião e fez um entorse. Engessou o braço e mesmo depois de tirar o gesso, o braço doía muito, então, fez alguns tratamentos e nada adiantou. Ele finaliza contando:

"Uma amiga que eu conhecia há muito anos, inglesa, que morava no Rio, ela tinha uma terra em Minas, e a gente sempre ia pra lá, e eu não sabia, mas a maioria das pessoas que estavam lá, tinham seus filhos em escolas Waldorf em São Paulo, todas ligadas de alguma forma com a Antroposofia. Daí quando eu conversei com ela, ela disse, nossa porque você não faz esse curso aqui, que é tudo o que você quer. E quando eu li, nossa, antropologia, filosofia, misturado com espiritualidade, o que será né? E comecei a fazer. E no final do ano, eu fui desenhar uma estrela, e desenhei uma estrela perfeita. E pensei, como assim? que eu to fazendo algo com meu corpo e descobro que com o braço machucado eu desenho essa estrela."

A segunda entrevista (B) aponta que o primeiro contato que ele teve foi através de uma consulta médica, da área médica partindo para a área terapêutica. Então a partir da consulta médica, foi fazer algumas sessões de Eurytmia terapêutica, sendo assim seu primeiro contato. O entrevistado C conheceu a Eurytmia quando trabalhava em uma empresa de automação bancária, onde duas psicólogas, preocupadas com a qualidade de vida dos funcionários, contrataram uma empresa de consultoria antroposófica. Lá conheceu a Antroposofia, e a Eurytmia. A coordenadora mencionou que de tudo o que havia aprendido de Steiner, o que mais chamava atenção, era a Pedagogia Waldorf, e, quando teve seu filho procurou saber mais sobre a Pedagogia Waldorf. Posteriormente procurou fazer o seminário, e retomou a Eurytmia. Com trinta e três anos foi fazer o curso de Eurytmia.

Conforme as repostas dos entrevistados, independentemente da forma que o profissional conheceu a Eurytmia, essa arte de movimentos deixou-os encantados, mesmo com o 'simples' desenho de uma estrela do entrevistado A, fazendo segui-los este caminho.

Ainda na identificação dos professores, e a fim de conhecer seu envolvimento com a Eurytmia (e por consequência com a pedagogia Waldorf) se perguntou sobre o tempo em que cada um dos entrevistados leciona aula de Eurytmia, e quanto tempo trabalha com a educação infantil. O primeiro entrevistado (A) respondeu que veio para Florianópolis a cerca de cinco anos, começou na Escola Anabá e na Cora Coralina (ao mesmo tempo). O entrevistado B faz há vinte anos, fora o tempo de conhecimento, que soma-se vinte e oito anos, e, deu aula para o jardim, no Anabá por treze anos. A terceira entrevista (C) indicou que o professor se formou em 2008, então são oito anos dando aula, na qual saiu da formação e foi para Porto Alegre dar aula, e lá começou desde o jardim até o quinto ano. Desde então leciona aula para o jardim.

Sendo assim, constatou-se que dois professores ainda trabalham com a educação infantil e tem suas formações há menos de dez anos, e um professor não leciona mais aula para a educação infantil, porém é Eurytmista há quase trinta anos.

Continuando na identificação e querendo saber sobre a formação dos professores, e sobre o curso de Eurytmia, o entrevistado A respondeu que não é preciso ter formação em área nenhuma. Assim, a escolha no Brasil, nessa formação, é em função de como a pessoa recebe o ensinamento, e como o corpo vai reagindo a ele. O entrevistado complementa:

"E aí, começa as grandes provas, você vai recebendo suas lições, entre cada módulo você tem suas tarefas, você vai desenvolvendo suas tarefas, e no próximo módulo você vai apresentar, e é algo que você não tem que verbalizar, que não é uma racionalização, você não trabalha com esse elemento, você trabalha com o corpo. Aquilo que você fez, aquilo que você trabalhou na Eurytmia, você expressa no movimento. Não tem como você afirmar que sim ou que não, porque está expresso no movimento. E é isso que vai te permitir ficar ou não."

Foram cinco anos de curso e o profissional não pode trabalhar com Eurytmia sem estar formado em momento algum. Primeiro tem que se formar, fazer estágio, tem que ter uma vivência anterior. O entrevistado B respondeu que primeiro é dada uma formação artística, pois ele diz que a Eurytmia é:

"originalmente uma arte do movimento, na qual você apreende essa linguagem e também se treina, e a proposta é que você, seu corpo, sejam instrumentos dessa arte. Você precisa fazer um treinamento, de no mínimo quatro anos, para quem não conhece, não fez, a regra é quatro anos, no mínimo. E nesses quatro anos você vai, trabalhando e se capacitando para ser um artista da Eurytmia. A Eurytmia trabalha duas modalidades: Eurytmia com a palavra, texto, poesia, prosa, ou Eurytmia com música. Você vai trabalhar aquilo que está sendo dito por aquela palavra ou poema, ou que está sendo soado, tocado por aquela música. A música em si, mas com os

teus movimentos. Você precisa se treinar muito, para conseguir trazer aquilo que está invisível e fazer aquilo visível no movimento. Esse significado, sentido que está por trás, a ideia que tem, tudo isso compõe, você pode fazer uma composição artística disso, coreografia, espetáculo, com recurso de luz, de figurino, espaço. Você se treina para isso. Depois tem uma complementação pedagógica, que você traz esses elementos que a Euritmia vai trabalhando e traz isso na área pedagógica. As crianças que estudam numa escola Waldorf, tem Euritmia desde o jardim, a partir dos três anos até lá o último ano do ensino médio. E qual a possibilidade disso? Primeiro, para você se trabalhar na Euritmia, você vai ter que ter uma noção do espaço muito bem trabalhada, o teu espaço corporal e teu espaço fora, como isso se reflete fora, coordenação motora. Além de toda essa coordenação, o que está por trás disso também? Organização, capacidade de ação, presença de espírito, só para falar alguns dos elementos que você pode trabalhar: Estar no social, porque é uma arte que não acontece sozinha, você tem que fazer com outras pessoas, o movimento do outro pode te atrapalhar, ou te ajudar, ou você pode atrapalhar o outro também, tem que cuidar do outro, e você vai ser cuidado. Todas essas capacidades vão sendo trabalhadas na pedagogia, no sentido de trazer um cunho educacional corporal, ao mesmo tempo que é corporal, começa pelo corpo mas ele tem outros desdobramentos com aquele ser, com aquele indivíduo."

Observou-se com as entrevistas e com a terceira entrevista (C) que a formação aqui no Brasil acontece no interior e em São Paulo. É uma formação básica de cinco anos, com as matérias básicas, a Euritmia da fala, a Euritmia musical, e dentro disso se estuda a Antroposofia, poética, música, consciência corporal. Não é necessário ter um curso para fazer o de Euritmia.

Sobre a sua visão acerca da Euritmia na educação infantil, o primeiro entrevistado (A) respondeu que a Euritmia na educação infantil é muito desafiadora porque:

"trabalhar com a criança do jardim e, a cada aula, a cada instante que você faz Euritmia com a criança, uma vez por semana, você demora muito tempo para conquistar essa criança, porque a Euritmia já é difícil, com movimentos super difíceis, que ninguém entende, todo mundo quer entender com a cabeça, ninguém quer fazer, quer entender, colocar rótulo, querem isso e querem aquilo, já a criança do jardim não, ela tá toda aberta, toda conectada e tem uma sabedoria super especial. Primeiro você tem que mostrar para ela quem você é, porque primeiro ela vê quem você é, não importa o que você faça, é quem você é. Você estabelece uma conexão muito forte, a partir do momento em que você conquista essa criança, e você conquista ela pelo que você é. Porque a criança de jardim você não engana. [...] enfim, o que acontece, passa o ano e a criança fica te olhando, ou várias crianças e no último dia de aula, aquela criança resolve fazer a história, repetindo os gestos, repetindo os passos, repetindo os movimentos da roda, tudo perfeitinho."

O entrevistado B comenta que a aula na educação infantil é uma vez por semana, as crianças que estão ali naquele ambiente do jardim são crianças que em regra geral, deviam já ter completado três anos e ficam até uma média de seis anos, seis anos e meio. É uma aula de movimentos de Euritmia, que vem um professor que não participa do dia-a-dia das crianças, ele vem só nesse momento da semana. É uma aula que tem que durar vinte minutos no máximo, pois:

"é uma aula muito exigente em termos de movimentos e não pode ser algo que extrapole a capacidade da criança. Então, a gente tem uma história, um roteiro de uma história que vai acontecendo dentro dessa aula, e a partir dessa história, desses elementos que vão dentro dessa história é que vai se colocando a proposta do movimento. E essa proposta do movimento que é a proposta da Eurytmia."

A terceira entrevista (C) apontou que a aula de Eurytmia na educação infantil é pouco tempo, vinte minutos. Sempre acompanha as épocas, que normalmente a jardineira trabalha, não precisa ser religioso. O ritmo da criança do jardim é de quatro semanas mais ou menos, para se viver uma época. O professor leva uma história e a criança na Eurytmia, não entende a história racionalmente, mas vive o movimento da história.

Foi perguntado aos entrevistados sobre o que falar de Eurytmia para alguém que nunca ouviu falar dela antes. O entrevistado A respondeu que primeiro apresentaria fazendo, convidaria a pessoa para fazer, porque Eurytmia tem que fazer para começar a galgar um caminho de perceber. A primeira coisa seria essa necessidade de vivenciar o movimento através de seu corpo. Em segundo lugar, se for falar de Eurytmia, que é completamente abrangente, tem que lembrar que ela foi criada por Steiner, dentro da Antroposofia. O entrevistado B disse que é uma arte do movimento que foi criada dentro da cosmo visão da Antroposofia. Com a proposta de trabalhar, fazer visível os movimentos que se faz quando fala, isso no sentido da fala, ou então fazer visível o movimento que o músico faz quando ele toca um instrumento. Ainda complementa:

"[...]o Eurytmista não vai falar, vai trabalhar as forças voltadas para o seu organismo. Ele já tem essas forças, porque ele precisou dessas forças para formar seu corpo, ou também para falar ele precisou incorporar esses fonemas vindo do ambiente. Então, quando ele faz Eurytmia, é como se ele ativasse esse processo formativo, mas não para a fala oral, mas sim a fala do movimento. E você lida com isso artisticamente, ou pedagogicamente, ou terapeuticamente."

E o entrevistado C respondeu que isso é sempre uma questão, porque Eurytmia não é algo que se consiga entender racionalmente, porque não temos uma imagem formada ainda. Se possível, fazer uma vivência. "Eu tento fazer uma retrospectiva de falar como é que eu consegui perceber a Eurytmia":

"trouxe uma transformação muito grande para mim, no sentido da fala. Hoje eu percebo que eu consegui aprofundar a fala, consoantes e vogais. Para mim antes, consoante era um conjunto, mas eu não conseguia definir, o que era de fato consoantes. E, as vogais, eram uma família menor, que tinham uma qualidade, mas também não conseguia explicar. Agora, com Eurytmia, você começa a perceber, por exemplo, que a vogal, tem mais ligação com o que é humano. A criança quando nasce faz A, uma expressão muito humana. E as consoantes é como se fosse roupas, que a gente veste essa vogal, é o mundo externo, com esse mundo humano, que começa entrar numa relação. E, a gente entra bem na essência da fala."

Ao apresentar a Eurytmia para alguém, as entrevistas indicaram que o ideal seria convidar a pessoa para uma vivência, porém seria importante dizer que é uma arte do movimento, e, que a Eurytmia foi criada por Rudolf Steiner, dentro da Antroposofia.

Foi perguntado aos entrevistados qual a importância da Eurytmia, do trabalho corporal para as crianças na educação infantil. O entrevistado A disse que tem uma coisa que a Eurytmia atua fortemente, que é a consciência espacial:

"A gente começa a Eurytmia formando uma roda, um círculo, e esse trabalho que você faz no círculo, a criança é convidada a ter esses desafios de se movimentar nesse espaço e ao mesmo tempo ela vai enfrentar os outros colegas porque cada um vai ter a sua percepção desse espaço, cada um vai ter a sua lateralidade, cada um vai ter a sua leitura daquilo que foi solicitado, então isso gera milhões de conflitos, gera uma necessidade de você olhar para aquele movimento, para aquilo que está acontecendo e sanar através do movimento e da música, ou da fala[...]"

A segunda entrevista (B) aponta que para a criança pequena, é fundamental que ela receba essa ajuda dos movimentos, que são movimentos mais saudáveis, que correspondem a algo que ela já incorporou de alguma forma e continua incorporando. Ela não sabe disso racionalmente, e nem precisa, mas ela vai fazer movimentos que ela já fez de alguma forma, e ela vai encontrando isso na Eurytmia como um arquétipo:

"Cada força arquetípica tem uma qualidade e cada uma tem um movimento, um sentido, uma função. Isso para a criança é fundamental, no fortalecimento dela, tanto espacialmente, estar no espaço consciente, com os diferentes graus de consciência do ser humano, como criança e também no fortalecimento dessa presença interior que a Eurytmia propicia, como Ser, o Ser que sabe interagir com o ambiente."

O entrevistado C não respondeu a esta questão.

Conforme as respostas das entrevistas sobre o trabalho corporal com as crianças na educação infantil, a autora dessa pesquisa constatou que a Eurytmia é fundamental para a criança pequena. Ela auxilia nos movimentos, com movimentos saudáveis e na consciência espacial.

Ainda sobre as aulas de Eurytmia, foi perguntado qual a diferença das aulas com as crianças pequenas para as aulas com as crianças maiores. A primeira entrevista (A) apontou que a diferença para ela, é a necessidade que o professor de Eurytmia tem de estar o tempo inteiro, de ser:

"então, começa o trabalho. Eu acho que meio que começa invertido para o professor, porque ele tem que ser muito o que ele é mesmo, passar para essa criança o que ele é, de ser totalmente verdadeiro com ele mesmo, é autotransformação e autoeducação o tempo inteiro. A medida que eles vão crescendo, nessa fase, eles amam muito o professor. E quando eles crescem, lá no terceiro ano, começa o grande conflito, a grande separação e tal, e o professor tem que ser mais ainda e de

outras formas, ele tem que convencer, no sentido eurítmico, daquilo que ele tem de conhecimento de estudo sobre o currículo, sobre a criança, sobre aquele momento em que ela está passando, o tempo inteiro você se transformando. Tem que lembrar que tem fases, setênios, que você vai largando coisas, que você vai morrendo e renascendo, o tempo inteiro. Quanto maior a vivência do professor, maior a experiência, quanto maior ele conhece de tudo, mas ele chega perto da criança, e quanto mais a criança vai crescendo, mais ela quer informação, você tem que estar munido de conhecimento sobre tudo, você tem por que você vai fazer Eurytmia, por que começa os questionamentos, lá pelo quarto, quinto ano. Por que a gente faz? Ele não quer mais fazer. Ah, professor, quer dizer que isso é isso. Você vai criando, devagar, esse vínculo com a criança quando ela percebe como que você traz aquela disciplina que é tão interrogação que ninguém sabe o que é, o que faz. Então, você tem que estar muito bem."

O entrevistado B não se manifestou. E, a terceira entrevista (C), apontou que o fundamento da Eurytmia está lá, e é trabalhar com a vida dos fonemas, e com a Eurytmia musical. Na educação infantil, a criança trabalha com o intervalo de quinta, um pouquinho da melodia e da frase musical que acompanha o gesto, na história e na música é feito um movimento que tem a ver com a frase musical. A criança pequena realiza por imitação. Mas a criança grande, no ensino médio, o professor explica, conceitualmente, o que são as consoantes, o que são as vogais. Na verdade o professor entra nessa imaginação. A criança do jardim, em uma aula, começa a perceber na Eurytmia a respiração que é feita na aula. Tem momentos de contração, mais silencioso, e tem momentos mais alegres, com mais movimentos. Sempre essa saúde de estar num momento e como transitar para o oposto, é bem importante na Eurytmia:

"Essa transição acaba sendo saudável, a criança percebe que ela precisa de um processo pra ir de um polo até o outro. É como se a gente tivesse numa aula de Eurytmia, ensinando a criança o processo da saúde, que é o equilíbrio dentro do movimento."

Após análise das respostas da questão sobre a diferença das aulas de Eurytmia com crianças pequenas e com as grandes, percebeu-se que a aula com crianças pequenas são de mais movimentos, na qual ela não sabe disso racionalmente, e nem precisa, mas ela vai fazer movimentos que ela já fez de alguma forma. E com as crianças grandes, o professor começa a explicar o que são esses movimentos realizados na Eurytmia.

Os entrevistados foram indagados se a Eurytmia é trabalhada dentro e fora da escola, e, o que é proposto fora da escola. A primeira entrevista (A), apontou que o professor de Eurytmia se forma em Eurytmia artística e pedagógica. Porém, tem cursos para a Eurytmia terapêutica, e depois se tem também Eurytmia Social, que são os movimentos que são aplicados em ambientes que necessitam de uma cura, que se chama Eurytmia Higiênica. Quando é feito a Eurytmia terapêutica, é olhado para uma criança, que está com uma

dificuldade, e vai atuar naquela dificuldade, especificamente. No Anabá está acontecendo Eurytmia para adultos, onde é percorrido o trajeto da própria Eurytmia, do currículo. Que também atua, trazendo várias reações orgânicas. O entrevistado B comenta que fora do ambiente escolar existem grupos que se apresentam artisticamente. Há também cursos livres para adultos e cursos para grupos fechados dentro da formação Antroposófica. Além da Eurytmia terapêutica, um trabalho em consultório, ligado a medicina antroposófica, um trabalho conjunto entre terapeuta, médico e outros terapeutas, que deve ser feito por um eurytmista especializado que recebe os pacientes por meio de indicação médica e com diagnóstico:

"a gente trabalha a Eurytmia, a artística é como se você tivesse dando um presente para o mundo, de você para fora, não se preocupando muito com o que é feito com aquele movimento e ele não é feito de tal forma de que ele seja tão direcionado para o corpo, assim, para o corpo físico. Na terapêutica se faz movimentos como fosse para trazer bem presente no corpo físico. Tem que avaliar como está o paciente, vai vendo que tem vários âmbitos de avaliação de olhar para o paciente pra ver o que ele está precisando, fora o diagnóstico que você recebe, que já te trazem uma indicação do que está acontecendo, toda a história do paciente, a idade, como ele está naquele momento. E a partir do movimento mais direcionado para essa situação, você consegue movimentar toda aquela situação que está acontecendo."

E o entrevistado C disse que fora da escola é difícil, porque até para quem é professor Waldorf fica difícil perceber a importância da Eurytmia. O aluno percebe um pouquinho mais, ele sente falta, ele vê que é importante. O professor muitas vezes tem só uma visão conceitual da Eurytmia, como ele não passou por uma vivência, você confia que é importante, mas você de fato não percebe.

Sobre o que é proposto fora da escola, os entrevistados falaram que tem a Eurytmia Terapêutica, que é trabalhada dentro do consultório; tem cursos para adultos; existe a Eurytmia Social/Higiênica, aplicada dentro de ambientes; e há grupos que trabalham artisticamente com a intenção de se apresentarem.

Para finalizar, foi perguntado aos entrevistados sobre quais ligações são levadas em conta acerca da espacialidade e a criança. O entrevistado A respondeu que desde que a mãe amamenta, na qual a própria amamentação vai trabalhando lado direito, lado esquerdo, a criança já vai entrando no mundo e dentro dela através de cada gesto, de cada escuta, de cada fala, de cada ambiente que ela vai, isso vai permeando a criança:

"Até o quinto ano, o que mais chama atenção é que todas elas, cada uma delas, a maioria filho único, pais separados, tem irmãos de outros pais, de outras mães, não tem tempo, e o tempo que não tem é suprido com a quantidade de bens materiais, ou de consumo, mesmo que sejam super naturebas, orgânicos, e a criança quer atenção exclusiva para ela, e se você não dá num movimento que tende a fazer o que a

criança seja homogeneizada no movimento, mas mantida preservada na sua individualidade, porque o gesto é dela. Então a individualidade dela está mantida, respeitada e incentivada, e isso é o maior trabalho."

O que acontece quando a criança entra na Eurytmia, parece que ela quer o tempo inteiro ser abraçada, e o fonema B é o fonema do grande abraço. O tempo inteiro tem que fazer esses fonemas que abraçam a criança, que trazem a criança paulatinamente, não tiram ela da corporeidade e do seu desenvolvimento orgânico natural e joga num shopping center com milhões de estímulos, luz, música. Percebe-se que a pedagogia Waldorf e a Eurytmia vai freando essa quantidade de estímulos e ela quer manter a criança vinculada e conectada com o lugar de onde ela vem. A segunda entrevista (B) apontou na educação infantil é trabalhado a polaridade, sendo realizados movimentos pequenos, movimentos grandes, que vão para cima, que vão para baixo, é propiciado para a criança todas essas experiências. Ao falar de um bambu, que é muito alto, que vai para cima e depois ao falar que as raízes das árvores estão bem firmes no chão, por exemplo, através dessas imagens e do movimento disso o professor está fazendo essa conexão com a criança desses espaços. O entrevistado C respondeu que a espacialidade da criança na educação infantil o professor não fala direita, esquerda, construir formas geométricas, a geometria é uma coisa que dá muita organização, começa a ter noção do espaço. Quando é feita uma roda, como a criança pequena está sempre em roda, isso gera uma confiança de estar nesse espaço:

"Mais adiante, no quarto ano começa os ângulos, o quadrado, o triângulo. Ela começa a dominar essa espacialidade no corpo, no espaço, e isso vai gerando uma confiança. A criança que vive bem a matemática é confiante. A criança que sabe pouco matemática tem uma insegurança. Que essas leis da terra, leis da vida, tão muito ligadas a coerência matemática. E, quando a gente percebe isso, dá uma confiança no mundo."

A última pergunta, sobre quais ligações são levadas em conta acerca da espacialidade da criança, os entrevistados responderam que o tempo todo é trabalhado a espacialidade seja com movimentos grandes e pequenos, para a direita e esquerda, para cima e para baixo, evidenciando a polaridade.

Feitas as análises das entrevistas, a autora entende ser importante destacar o papel do professor de Eurytmia no ensino da educação infantil. A Eurytmia é, uma arte de movimento, em que as relações do grupo, ou seja, o aspecto social tem um papel enorme. Os movimentos da fala e da música são tornados visíveis. Quando acontece um movimento de contração ou de expansão em uma história, isto pode ser expressado por movimentos de aproximação, ou de afastamento dentro de um círculo. E, esses movimentos na educação infantil, são fundamentais para as crianças começarem a ter noção do espaço.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou na revisão bibliográfica aspectos da Pedagogia Waldorf, bem como, o pensador Rudolf Steiner e a Antroposofia. Através de entrevistas realizadas com professores de Eurytmia e da vivência da autora deste trabalho, foi possível explicar e ilustrar como acontece a Eurytmia nos jardins de infância e a importância desse trabalho corporal com as crianças pequenas, mostrando a ligação que essa arte de movimentos tem com a espacialidade e o desenvolvimento da criança.

Através das entrevistas, foi possível compreender o trabalho feito pelos profissionais de Eurytmia, entendendo o que tem por trás dos 'simples' movimentos realizados com a contação de uma história. De acordo com as respostas, os profissionais demonstraram conhecimento teórico e prático com as crianças pequenas na educação infantil.

Pelas experiências vivenciadas como professora auxiliar em um jardim com metodologia Waldorf, em complemento, percebeu-se não só os efeitos práticos de sua aplicação, mas todo o engajamento dos pais e a construção conjunta do saber. E por isso, a necessidade e motivação em prosseguir no aprofundamento do tema, futuramente, em curso de formação de professores Waldorf, que acontece em Florianópolis na Escola Anabá.

Para um professor trabalhar sob a perspectiva da Pedagogia Waldorf é necessária uma reflexão mais profunda, continuada e atrelada a uma atitude de autoeducação e consciência de sua tarefa pedagógica.

Por meio desta pesquisa foi possível compreender como acontece a Eurytmia nos jardins de infância com metodologia Waldorf, levando em conta o trabalho corporal, a espacialidade e o movimento na educação infantil, a partir dos estudos de Rudolf Steiner. E pude conhecer, através da revisão bibliográfica realizada, a Pedagogia Waldorf e a Eurytmia na educação infantil. Através das entrevistas pude compreender como a espacialidade da criança pode ser trabalhada através da Eurytmia. E, ainda, foi possível verificar a importância que o movimento tem na educação infantil.

Entretanto, vale ressaltar as limitações deste estudo, levando em consideração a amplitude do tema e a escassez de fontes.

Espera-se que, de alguma forma, o presente trabalho possa contribuir para outros interessados no tema.

Acredito que a atual realidade da educação Brasileira necessita de novas propostas. Desde o momento em que a Pedagogia Waldorf chegou no Brasil, existe uma procura

constante para sua adequação a cada região, valorizando cada contexto, com valor e sentido. Na educação infantil o brincar, o “ser criança” é vivenciado. Proporcionando muitas e múltiplas vivências necessárias a esta idade.

REFERÊNCIAS

ARANTES, José Tadeu. O jovem Steiner. **Sociedade Antroposófica**. 1999. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/steiner/jovem-steiner.htm>> Acesso em: 5 de maio, 2016.

CARLGREN, Frans; KLINGBORG, Arne. **Educação para a liberdade: a pedagogia de Rudolf Steiner**. São Paulo: Escola Waldorf Rudolf Steiner, 2006. (APOSTILA EM FOTOCÓPIA)

DANIEL, Helga. **Meus pés podem falar, minhas mãos podem cantar: sobre a euritmia na escola Waldorf**. Tradução de Jorge do N. Brunis. São Paulo: América Gráfica, s/d.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS WALDORF NO BRASIL. [site]. Meio digital. Disponível em: <<http://www.federacaoescolaswaldorf.org.br>> . Acesso em: abr. 2016.

FERNANDES, M. D. **O método clínico na medicina Antroposófica e a clínica foniátrica: o homem em sua complexidade**. São Paulo: PUC, 2006, 243p. Dissertação (Mestrado em fonoaudiologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Orientadora: Beatriz Caiuby Novaes.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LANZ, Rudolf. **A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. 4ª ed. São Paulo: Antroposófica, 1986. 175p.

LANZ, Rudolf. **Noções básicas de antroposofia**. 2ª ed. São Paulo: Antroposófica, 1988. 77p.

LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia da infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. **Revista Educação Pública** v.22. n.49/1. Cuiabá p.283-294. maio/ago. 2013.

LOPES, Jader J. M.; VASCONCELLOS, Tânia de. Geografia da infância: territorialidades infantis. **Currículo sem Fronteiras**. v.6. n.1. p.103-127. jan/jun 2006.

MANZANO, E. **A importância do movimento na Educação Infantil Waldorf**. Campinas: UNICAMP, 2005. 44p. Monografia (Graduação), Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005. Orientador: Carlos Eduardo Albuquerque Miranda.

MARASCA, Elaine. **Saúde se aprende, educação é que cura: da pedagogia Waldorf à Salutogênese**. São Paulo: Antroposófica, 2009. 183p.

MARINIS, Luara Lua Pereira de. **A educação infantil sob a perspectiva da pedagogia Waldorf**. Bauru: UNESP, 2015. 52p. Monografia (Graduação), Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista. Bauru, 2015. Orientadora: Vera Lúcia Messias Fialho Capellini.

PROPOSTA EDUCACIONAL WALDORF PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 1999. (APOSTILA EM FOTOCÓPIA)

PROPOSTA EDUCACIONAL DAS ESCOLAS WALDORF. Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 1998. (APOSTILA EM FOTOCÓPIA)

SANTOS, S. R. **O ensino de geografia na Pedagogia Waldorf.** São Paulo: USP, 2007. 107p. Dissertação (Mestrado), Programa de pós-graduação em geografia física, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Orientador: Emerson Galvani.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, jul. 2009.

SETZER, Valdemar W. Pedagogia Waldorf. **Sociedade Antroposófica.** 1998. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/portal/pedagogiawaldorf/27-pedagogia-waldorf>> Acesso em: 12 de abril, 2016.

SOCIEDADE ANTROPOSÓFICA NO BRASIL. [site]. Meio digital. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/portal>>. Acesso em: mar. 2016.

BIBLIOGRAFIAS

BORBA, Pilar T. M.; DANTAS, Simone; FEDERZONI, Rita de Cássia. **Os quatro sentidos básicos:** o brincar e o brinquedo. S/c: s/ed. 2006.

EDUCAÇÃO NA PRÁTICA: **Waldorf:** conheça os princípios da Pedagogia, criada por Steiner. São Paulo: Editora Minuano: ano II, nº 03.

FROBÖSE, Eva e Edwin. **Euritmia:** sua origem e seu desenvolvimento segundo indicações de Rudolf Steiner. São Paulo: Antroposófica: ABRE - Associação Brasileira dos Euritmistas, 2009. 119p.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, jun, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003475901995000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 jul. 2016.

HAES, D. Udo de; ASBECK, Edith (trad.). **As crianças de ontem e de hoje.** São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2012.

IGNÁCIO, Renate Keller. **Criança querida:** o dia-a-dia das creches e jardim-de-infância. São Paulo: Antroposófica: Associação Comunitária Monte Azul, 1995. 110p.

KÜGELGEN, Helmut von; GRANDISOLI, Alcides (trad.). **A educação Waldorf:** aspectos da prática pedagógica. São Paulo: Antroposófica, 1989. 83p.

LAMEIRÃO, Luiza Helena T. **Criança brincando! Quem a educa?** São Paulo: João de Barro Editora, 2007. 83p.

STEINER, Rudolf. **A educação da criança:** segundo a ciência espiritual. São Paulo: Antroposófica, 1987. 38p.

STEINER, Rudolf; CARDOSO, Jacira (trad.). **Euritmia como canto visível.** São Paulo: Antroposófica: ABRE - Associação Brasileira dos Euritmistas, 2012. 159p.